

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

WILSON VIEIRA DA COSTA FILHO

MEDICINA E FÉ :
AS DUAS FACES DA CURA .

(CASA DA FRATERNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS,
UBERLÂNDIA, 1986-1999)

UBERLÂNDIA, AGOSTO DE 1999.

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA- GEM DE HISTÓRIA - UFU	
N.º 1307-	<i>Dr. Wilson</i>
Data 20/09/99	

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA- GEM DE HISTÓRIA - UFU

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

1673 5.1

~~1317~~

1673

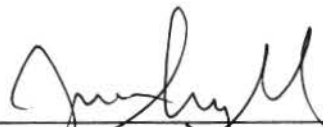
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA CURSO DE HISTÓRIA

Monografia desenvolvida sob a orientação da Profa.
Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato do Curso
de História da UFU, para cumprimento dos créditos
necessários para a conclusão do Curso de
Bacharelado em História.

ORIENTADO: WILSON VIEIRA DA COSTA FILHO

UBERLÂNDIA, AGOSTO DE 1999.

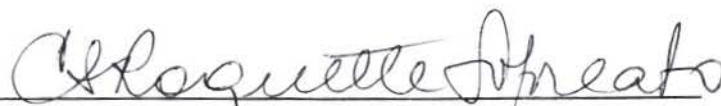
BANCA EXAMINADORA :



PROF. DR. JOÃO MARCOS ALÉM



PROFa. Dra. JACY ALVES DE SEIXAS



PROFa. Dra. CHRISTINA DA SILVA R. LOPREATO

AGRADECIMENTOS :

Agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho. Em especial, aos meus pais e a minha esposa, que juntos assumiram obrigações minhas para que pudesse concluir o Curso de Bacharelado em História pela Universidade Federal de Uberlândia-MG.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	06
A RELIGIÃO E A MEDICINA ATRAVÉS DOS TEMPOS	10
A CASA DA FRATERNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.....	33
O PODER CURATIVO DA FÉ - A RECONCILIAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu da necessidade de apresentar uma monografia, cujo o tema era livre, para a conclusão do curso de Bacharelado em História pela Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia-MG. Na difícil procura por um tema, recordei-me da Casa de Fraternidade São Francisco de Assis, em Uberlândia-MG. Há algum tempo lá estive, conduzindo minha mãe para um tratamento espírita com o Dr. Hansen (espírito que incorpora no médium Dr. Nelson Teixeira), indicado à ela por amigas que lá estiveram e obtiveram sucessos com os tratamentos ministrados. Ao chegar fiquei surpreso com a quantidade de gente que lá se encontrava, cerca de 2.000 mil pessoas, a maioria vinda da própria cidade e de cidades vizinhas. Havia também pessoas provenientes de lugares mais distantes, principalmente do interior de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro e Goiás, e alguns poucos estrangeiros de países vizinhos como Argentina e Paraguai. Ainda que não tivesse despertado em mim a idéia de utilizar esse fenômeno religioso como tema de minha monografia, fiquei bastante intrigado com o acontecimento.

O espírito investigador, que é próprio do Historiador (embora ainda não me considere um) então despontou, e comecei a fazer indagações aos frequentadores do local sobre como funcionava, se realmente aconteciam muitos casos de cura ali, de onde vinha tantas pessoas, quem era o médium que incorporava o espírito do Dr. Hansen, quem tinha sido esse Dr. Hansen, etc...? Já ouvira falar muito, principalmente pela imprensa, de um Dr. Fritz (médico alemão morto na segunda guerra mundial), que realizava curas espetaculares incorporado na pessoa do Sr. Rubens Faria Jr., engenheiro eletrônico, que mantém um centro no bairro da Penha no Rio de Janeiro- RJ., onde atende cerca de 1.000 pessoas por dia, que para lá se dirigem cheias de esperança em uma cura ou no alívio de seus males. Sabia também, que o Dr. Fritz incorporava o famoso médium mineiro Zé Arigó, morto em 1972, envolvido em acidente de carro que, por sua vez, também realizara diversas curas, através do tratamento espiritual. Mas, e esse Dr. Hansen? Nunca havia escutado nada a seu respeito. Tomado então de súbita curiosidade, resolvi entrar na fila e acompanhar minha mãe salão adentro, para ver como se sucediam os processos de cura e como o Dr. Hansen conseguia atender tantas pessoas em apenas uma tarde. Fiquei bastante surpreso com o que vi, e detalhes sobre esses pontos serão apresentados no 2º capítulo desse trabalho. Acabado a

sessão retornamos para casa , e era estranha a sensação de paz e conforto espiritual que sentíamos, apesar de termos ficado cerca de seis horas dentro de um galpão fechado, cheio de gente, com pouca ventilação e muito, muito calor, já que o barracão não possuía forro e as telhas eram de amianto que, como se sabe, irradiam mais intensamente o calor do que as de barro, mais comum em nossa região. Era estranho e não conseguíamos explicar, já que o normal era estarmos fatigados e extremamente cansados. Apesar dessa sensação que senti, não mais retornei ao local, pois me incomodava o acúmulo de gente ,as horas de espera, o calor, e também por ser a princípio um pouco cético em relação a esses processos de cura espiritual. Minha mãe, depois de algumas sessões, também não quis mais frequentar a Casa, apesar de ter sentido melhoras em seu quadro de saúde. É que problemas de consciência a afastara dali, católica que é, não conseguiu conciliar o tratamento espírita recebido com a sua condição religiosa, pois que a Igreja católica condena este tipo de conduta.

Passaram-se cerca de dois anos quando, cursando a matéria de Métodos e Técnicas de Pesquisa em História, diante da obrigação de apresentar um pré Projeto de Monografia, recordei-me da experiência passada na Casa de Fraternidade São Francisco de Assis, e resolvi que dali tiraria o tema para a monografia, já que ficara bastante impressionado com o fenômeno. E assim o fiz. Mais do que apresentar a Casa, o que já seria um trabalho válido dado o importante papel que ela desempenha em nossa comunidade com suas diversas atividades assistenciais, propus-me a ir mais longe ao tentar compreender e analisar os processos que envolvem essas curas, já que todo o processo me causava estranheza e me deixava confuso. Primeiramente, deparei-me com o fator fé, as pessoas que lá se encontravam, em sua grande maioria, estavam bastantes impregnada dessa energia que é a fé. Em segundo lugar, fiquei surpreso ao saber que o Dr. Nelson Teixeira era médico de verdade, com formação acadêmica e tudo mais. Um médico oficial ministrando tratamentos alternativos, auxiliado por um espírito, indo totalmente contra a sua formação profissional ! É, ou não é, para ficar intrigado ? Fé e medicina, religião e ciência, irracional e racional, ali não apresentam contradições, nem travam batalhas conceituais, apenas convivem em plena harmonia. Com inúmeros pontos em controvérsias, essas duas áreas do conhecimento humano que, por diversas vezes, entraram em choque no passado, ali se uniram e apresentaram excelentes resultados, através das mãos, das receitas e das orações do Dr. Nelson Teixeira e sua equipe.

Procurarei no 2º. capítulo desse meu trabalho apresentar a Casa da Fraternidade São Francisco de Assis. Como funciona ? Quem são as pessoas que para ali se dirigem e o que esperam realmente ? Será que já obtiveram algum resultado de cura ou conhecem alguém que tenha se beneficiado com o processo ? Quem são as pessoas que lá trabalham e por que o fazem ? Elas nada recebem em troca, pelo menos em termos financeiros, além de terem de reservar um dia da semana para estes serviços, geralmente as sextas-feiras, que é o dia em que a Casa abre para o atendimento às pessoas que necessitam de auxílio. Como também, quem é e como é a pessoa do Dr. Nelson Teixeira ? Como ele concilia essa experiência do irracional com o racional, medicina e religiosidade, já que sua formação acadêmica rejeita tudo que o que não se pode provar cientificamente? O seu tratamento baseia-se somente no sobrenatural, ou ele utiliza seus conhecimentos profissionais nestes ? Não podemos esquecer que o Dr. Nelson é um médico reconhecido, com opção pela terapia homeopática, tendo seu consultório em Uberlândia, onde não se consegue uma consulta com menos de dez dias de antecedência.

Não pretendo, ao longo do trabalho, criticar o método utilizado para obtenção das curas, nem adentrar no campo das disputas apaixonadas das religiões e, muito menos, cair no debate tendencioso da área médica sobre esses métodos. Parto do princípio de que as curas existem e, para tanto, tentarei levantar indícios que levem à essa conclusão.

No 3º capítulo procuro mostrar como o fator fé é importantíssimo em qualquer processo de cura, inclusive, e já reconhecidamente, no ramo da medicina tradicional, ensinada nas Universidades. A fé que remove montanhas pode, até mesmo, remover um mal que acomete uma pessoa, fazendo desaparecer por completo a causa desse mal, como por exemplo, a extinção de um tumor sem que se encontre alguma explicação lógica para o fato. A ciência médica está repleta desses casos. A fé de que falo não é só aquela em um Deus, provinda da religião, é também a fé na pessoa que está promovendo o tratamento, a fé no próprio tratamento, independente da pessoa. É a fé em seu sentido mais amplo, na vontade de viver, na convicção e no desejo de cura do paciente.

Neste 3º capítulo, também tento traçar as causas que levaram ao rompimento da religião e da ciência, e mostrar que neste final de século estamos assistindo a um processo de reconciliação entre essas duas áreas do conhecimento humano. Com a chegada de um novo milênio, as pessoas passaram novamente a experimentar o fator fé, a crerem mais

fortemente em Deus, e a Ele recorrerem cotidianamente, principalmente nos casos de doenças, em que a medicina tradicional falhou em apresentar resultados. Esse fim de século mostra um ressurgimento da religiosidade nas pessoas, parece que o período científico, onde a ciência apresentava respostas para tudo, já não mais fascina como antes as pessoas, despertando nelas o sentimento de espiritualidade.

No 1º. capítulo tento traçar os caminhos percorridos pela medicina e pela religião através dos tempos. Começo no período da Pré- História, no qual qualquer tipo de tratamento de doença passava obrigatoriamente pela esfera da religião, e de como a medicina também estava presente nessa época remota, entendida como qualquer técnica que se utilizasse para aliviar o sofrimento do doente. Passo então por alguns períodos Históricos, tentando acompanhar os passos dessas duas esferas do conhecimento humano. Ora caminhando lado a lado, ora se separando e, até mesmo, ora uma suprimindo a outra. Tento mostrar que elas sempre estiveram presentes na vida dos povos, de todas as eras. Seleciono períodos onde a medicina é praticamente nula, quase inexistente ou existe de maneira não formal, enquanto que a religião é buscada como único meio de se obter alguma espécie de cura (Antiguidade), e também períodos de alta da ciência médica, onde o fator Deus deixa de ser fundamental no processo de cura (Antiguidade Clássica), tornando a medicina novamente a ser relegada a segundo plano na época Medieval. Por fim, chego à Idade Contemporânea, período no qual a ciência médica alcança grandes sucessos, parecendo ter se livrado por completo de sua sombra, a religião.

Espero com esse trabalho conseguir despertar um pouco do sentimento de confiança nas pessoas, quanto aos métodos alternativos de cura, e à sua capacidade de auto curar-se, sem contudo desacreditar o valor da medicina tradicional. Tentar mostrar que existem outras formas de cura, tão ou mais eficientes que a convencional, e que a fé é imprescindível para qualquer tipo de tratamento, inclusive o método tradicional acadêmico. Pretendo contribuir, de alguma maneira, para que a medicina tradicional e os centros irradiadores desse saber dediquem um pouco mais de atenção aos fenômenos de curas espirituais e a outros não convencionais, espalhados por todo o mundo e, quem sabe, se for o caso, desmistificá-los, aproveitando o lado prático e de sucessos desses métodos de curas para mostrar que a ciência médica, aliada a essas técnicas, pode proporcionando maior conforto e confiabilidade aos homens quanto às doenças.

CAPÍTULO 1
A RELIGIÃO E A MEDICINA NOS PROCESSOS DE CURAS,
ATRAVÉS DOS TEMPOS

Tão antigas quanto o homem são a Religião e a Medicina. A Religião surge da necessidade dos seres humanos em interpretar e encontrar algumas explicações para os fenômenos da natureza, inclusive da sua própria existência. No princípio, a falta de conhecimentos científicos e empíricos, que ajudassem o homem a entender e a compreender a si mesmo e ao mundo em que vivia, o levava a acreditar em uma força superior, fora do ser humano, que ditava e fazia acontecer as coisas nesse mundo, para as quais ele não tinha explicação e ou não conseguia entender. Assim, ele encontrava explicações para os fenômenos à sua volta na existência de seres misteriosos, mágicos, capazes de controlar o tempo, os vulcões, a temporada de caça, etc.. Ao mesmo em tempo que procurava entender o mundo à sua volta e a si mesmo, o homem tinha ainda uma outra preocupação: a preservação e a conservação de sua própria vida.

Sabemos que o instinto primeiro do homem é o da conservação. Desde as primeiras notícias da existência do homem na Terra, verificamos a sua constante luta pela sobrevivência, seja caçando para comer, escondendo para se proteger, ou se reverenciando a fenômenos que não entendia. Assim, era natural que ele se preocupasse também com os males físicos que o acometiam, pois esses os debilitavam, o que poderia representar a diferença entre a vida e a morte. Quando ele extraía um espinho da mão ou imobilizava um membro que doía, mesmo que essa imobilização fosse involuntária, ou quando mergulhava em um rio para aliviar o calor do corpo, estava o homem praticando, por instinto, os primeiros atos de medicina, aqui entendida como meios que os homens arrumavam para aliviar, ou até mesmo curar, os seus males físicos. É dessa forma que começa o processo embrionário dessas duas áreas do conhecimento que, com o passar dos tempos, viria a se tornar as que mais influenciaram e influenciam os homens em todas as etapas de sua vida. Não existiu (e não existe) povo que não tenha conhecido (e que não

conheça) seus deuses e que não tenha praticado (e que não pratique) alguma espécie de medicina.

- [A carência de uma explicação racional para os fenômenos da natureza e para os males físicos que o atingiam levou o homem a atribuir esses fenômenos e esses males a poderes extra humanos, a uma força poderosa que, apesar de não pertencer ao homem, causava-lhe vários incômodos, colocando, inclusive, a sua vida em risco.] Assim era o caso das tempestades, dos vulcões em erupção, e das doenças. A doença não era tida como uma carência ou disfunção do corpo humano; era interpretada como uma resposta dos deuses a alguma ofensa feita pelos homens a eles.

- Quando o homem era ainda nômade e vivia solitário, só podia contar consigo mesmo no caso de alguma enfermidade ou algum perigo. No momento em que lhe faltavam as forças e ele se encontrava a mercê do destino, só lhe restava mesmo a única opção possível: pedir aos deuses que lhe socorressem ! No caso de conseguir se salvar ou melhorar atribuía essa dádiva aos deuses, os quais, com o passar dos tempos, iam aumentando o seu prestígio e a sua área de atuação. Mas, aos poucos, o homem começa a perceber a necessidade de se unir a outros homens, a fim de se proteger melhor e para repartir as tarefas as quais ele sozinho não conseguia ou tinha dificuldade em fazer. Vivendo sozinho ele tornava-se presa fácil de outros homens e animais, que fossem mais fortes ou mais astutos que ele, além do fato de que, no caso de alguma doença ou algum traumatismo lhe impedir de movimentar-se, ele não teria nem mesmo como alimentar-se ou beber, contando só com a ajuda de algum deus e com a brevidade do mal que lhe acometia. Caso contrário, viria certamente a morrer.

Começa então a surgir as primeiras tribos, nascidas dessa necessidade de união de forças para prolongamento da vida humana. Dentro dessas tribos, como em toda união de pessoas, era natural que alguns se sobressaíssem mais que outros, uns eram melhores no manejo de armas, outros eram mais fortes, outros mais inteligentes, e outros se sobressaíam pela sua habilidade de compreensão e interpretação dos fenômenos da natureza, como por exemplo prever se vai haver chuva ou não no decorrer do dia, analisando apenas os sinais da natureza . Dentro os mais fortes e inteligentes saía o chefe da tribo e entre os capazes de interpretar os fenômenos naturais saía o sacerdote ou feiticeiro, figura tão importante e tão imprescindível

quanto o chefe na união tribal. Ao chefe cabia a função de manutenção e proteção da tribo contra os seus inimigos naturais, e aos sacerdotes a função de aconselhamento e intervenção junto aos deuses para a proteção contra os males causados pelos seres invisíveis e mágicos. Cabia ainda ao sacerdote a função de curar os males que acometiam o homem, pois como acreditava-se que a doença era uma resposta dos seres maléficos e misteriosos à alguma ofensa dos homens feita à eles, acreditava-se, também, que só o sacerdote possuía prestígio bastante perante os deuses, podendo interceder junto à eles em favor dos homens, pedindo pela sua melhora. Juntamente com as orações e pedidos aos deuses para a recuperação do doente, o sacerdote utilizava-se ainda de vários outros métodos para expurgar os maus espíritos, como sangrias, laxantes, vomitórios, e até mesmo o uso de alucinógenos, obtidos através de plantas nativas. Era comum o paciente morrer vítima mais dos tratamentos do que da própria doença, mas muitos saravam e esses eram testemunhas vivas dos poderes mágicos dos sacerdotes, aumentando ainda mais o seu prestígio, e fortalecendo a crença de atribuição das doenças à perseguição dos seres invisíveis e misteriosos.

- Assim, durante muito tempo, o sacerdote acumulou essa dupla função de líder espiritual da tribo e médico, isso claro trazendo essas funções para conceitos modernos, pois não existia nessa época (pré-história) separação entre religião e medicina, e o sacerdote cumpria as suas funções sem perceber a distinção entre elas. Se eram os deuses os responsáveis pelas doenças, eram eles também capazes de curá-las, e para isto era necessária a intervenção do sacerdote junto a eles, usando de sua influência e prestígio para obter o perdão das ofensas de seus fiéis e, conseqüentemente, a cura.

Há uma grande escassez de dados sobre a evolução da ciência médica na pré-história. Sabe-se, no entanto, que ela era bastante mística como já vimos, mas que também possuía algumas práticas estritamente médicas. Exemplo disso são os crânios trepanados e cicatrizados, de aproximadamente 5.000 anos, que hoje se encontram no Museu do Homem em Paris. Estes fazem prova justamente a uma técnica puramente médica e complicada, já praticada nessa época, embora acredite-se que o crânio era aberto para expulsar os espíritos malignos da cabeça do paciente, como forma de aliviar o seu sofrimento. Nada impede, porém, que os homens

utilizassem esta mesma técnica para a cicatrização de alguma abertura na cabeça, ocasionada por uma pancada ou por um tombo, por exemplo. O fato é que a escassez de dados permanece sobre o período pré-histórico, e a não ser o fato de algumas escavações e pinturas encontradas nas cavernas, apontando para algumas técnicas médicas utilizadas, muito pouco se sabe sobre a ciência médica dessa época.

Avançando um pouco mais no tempo, vamos encontrar nas civilizações antigas, principalmente as orientais, alguns pontos que remetem para uma separação mais distinta entre o médico e o sacerdote. Enquanto a Europa Ocidental se encontrava ainda na Idade da Pedra, a medicina praticada pelas civilizações orientais já possuía uma rica e longa tradição na cura de enfermidades, embora esta tradição não tenha se desvinculado de todo o misticismo herdado das civilizações anteriores. Nesse trabalho, irei ater-me mais à medicina ocidental, visto que a medicina oriental em muito se diferencia da nossa, no que se refere aos seus postulados de base e nos seus princípios gerais, principalmente as medicinas Hindu, Chinesa e Japonesa. Porém, farei algumas observações sobre a medicina dos povos situados nas bacias dos rios Tigre, Eufrates e Nilo, por estas apresentarem pontos em comum com a medicina grega da antiguidade. Não posso entretanto deixar de citar um método de cura bastante difundido no Oriente, desde a Antiguidade até os nossos dias, principalmente na China, a acupuntura. Mesmo porque, suspeito que o Dr. Hansen se utiliza dessas técnicas em seus processos de cura.

A visão oriental de medicina difere da visão ocidental. Os nossos médicos orientam-se isolando um evento do resto do Universo. Quando examinam um paciente tendem a individualizá-lo, a analisar a doença dentro de uma relação de causa e efeito, quais foram as causas imediatas que levaram à manifestação anormal de um órgão. Se o fígado está doente, um vírus o atacou! O tratamento consiste em eliminar este vírus. Na medicina oriental o raciocínio é diferente. Primeiramente, fazem um quadro que mostra como a doença se apresenta naquela pessoa, tratando o conjunto de causas que levaram a esse quadro, interagindo o homem com o seu ambiente. Todos os sintomas têm peso no diagnóstico, como o paciente se relaciona com o seu meio, como o seu organismo se comporta face às doenças; estudam todas as relações entre mente e corpo, entre os sintomas, entre o meio externo e a doença. O

aparecimento de doenças é a manifestação exterior de um desequilíbrio interior. Na visão oriental o Universo é refletido no homem, todos os acontecimentos influenciam mutuamente os dois, a natureza age sobre o homem da mesma maneira que o homem age sobre a natureza. Nada é importante fora de seu contexto. É impossível um fato isolado, sua causa, seu efeito, se há tantos fatores em jogo interagindo entre si. O corpo humano, como o Universo, são materializações de energias que se concentram em dois pólos Yin (forças negativas) e Yang (forças positivas). Essas energias fluem no organismo através de linhas imaginárias denominadas “meridianos” ou “canais”. Nesses, existem lugares onde a energia é mais superficial podendo ser manipulada. A desarmonia entre os dois pólos Yin e Yang, impede a energia de fluir livremente pelo corpo, permitindo a “entrada” de doenças. O tratamento consiste em liberar a energia que se encontra bloqueada, através de estímulos nos pontos de acupuntura (locais de energia mais superficial), fazendo com que esta volte a circular, reestabelecendo o perfeito equilíbrio do organismo, dando condições a este de combater eficazmente as doenças. A doença é uma entidade global, afetando o homem no seu físico, na sua mente, e nas suas relações sociais e econômicas. Assim, a acupuntura é muito utilizada na prevenção de doenças e na estimulação da capacidade de defesa do próprio organismo. Outra aplicação muito importante da acupuntura é a que mais desperta o interesse no mundo Ocidental é a sua utilização como anestésico. Com algumas agulhas fincadas em pontos estratégicos consegue-se anestésicar um membro ou um órgão, diminuindo sua sensibilidade à dor, sendo possível, até mesmo, submetê-lo a uma cirurgia. Apesar de milenar, a acupuntura ainda não conseguiu se afirmar no mundo Ocidental. Embora conte com muitos adeptos, não é reconhecida pelo círculo oficial, que a olha com certas ressalvas, e tirando a parte das anestésias, que lhes causam estranheza, pouco mais lhe creditam.

[No Oriente antigo, nas bacias dos rios Tigres, Eufrates e Nilo, muitos séculos antes de Cristo, a medicina era mística e sacerdotal.] Cabia aos sacerdotes cuidar dos doentes, empregando passes mágicos, sempre relacionados com a posição dos astros. Acreditava-se que os astros influenciavam na vida das pessoas, podendo causar-lhes desconfortos. [Aos poucos, a medicina foi evoluindo, abandonando a magia e aventurando-se no campo da farmacologia sem, contudo, abandonar o misticismo.] As

doenças ainda eram tidas como vingança e castigo dos deuses, e quando alguém estava doente devia recorrer não ao médico, mais ao sacerdote-médico, pois as duas atividades se confundiam. Geralmente, esses sacerdote-médicos empregavam medicações junto com orações e sacrifícios e, em alguns casos, eram obrigados a empregar técnicas cirúrgicas rudimentares para salvar um paciente, como estancar uma hemorragia ou abrir um abscesso, mas não se aventuravam a abrir o corpo do paciente para curá-lo. Alguns foram, com o passar do tempo, abandonando a antiga tradição mística aventurando-se, cada vez mais, no caminho do diagnóstico e da medicação enquanto outros preferiam praticar a cura através das orações e da invocação de forças sobrenaturais. Assim, foram se formando duas classes, a dos médicos, que praticavam a cura através de receitas de ervas e drogas naturais, já tradicionalmente aceitas e oficializadas, e a dos sacerdotes, a quem era dada a função de buscar a causa do mal e invocar ajuda sobrenatural. O médico já não pertencia à classe dos sacerdotes, mas estes lhes ensinava a prática dos ritos para que pudessem pedir proteção aos deuses, tornando eficazes os seus medicamentos. Havia ainda uma terceira classe, relacionada com o tratamento dos doentes, a dos cirurgiões: profissionais de categoria inferior, sem formação religiosa ou acadêmica, que recorriam à faca para curar o mal do paciente, valendo-se apenas de sua perícia, do que aprendeu através de seus mestres, de suas experiências passadas, e tendo os seus atos controlados por Leis, como o Código de Hamurabi por exemplo. Esses eram conhecidos como cirurgiões-barbeiros, dado a sua destreza com a navalha e mesmo porque muitos viviam da profissão de barbeiro, ou outra qualquer, visto que não eram muito aceitos pela população, que a eles só recorriam para se livrar de algum mal em caso de última tentativa, quando todas as outras tivessem falhado. Era bastante comum o paciente morrer ou ficar com alguma lesão séria após se submeter a cirurgia.

Na Babilônia, no séc. XXIII a.C., o Rei Hamurabi editou o seu famoso "Código de Hamurabi", documento que codificava todos os direitos e deveres dos habitantes ditando as suas condutas e que fazia referências a estas diferenciações entre o sacerdote, o médico e o cirurgião, além de tratar de seus honorários. Nesse famoso código vemos, pela primeira vez, o médico na categoria de cirurgião,

considerado como um profissional, para quem o misticismo reinante no processo de cura não possuía tanta relevância. Ao cirurgião era permitido a cirurgia, mas este possuía suas responsabilidades próprias, sendo punido no caso de alguma falha. Assim, se ao realizar uma cirurgia o paciente viesse a perder um membro ou a morrer, o cirurgião era também punido, tendo as suas mãos cortadas. No caso do paciente ser um escravo, o cirurgião compraria outro e o daria em seu lugar. O cirurgião não podia errar. A medicina Oriental apresentava também um grande cuidado com o asseio e a higiene, exigia-se que o médico lavasse as mãos sempre que fosse examinar um paciente, que tivesse as unhas cortadas e as vestes bem limpas. Hábitos estes que, como veremos mais adiante, demoraram para se fixar na cultura médica ocidental.

Voltando à Europa Ocidental, vamos encontrar na Grécia antiga (berço da civilização Ocidental), até o século V a.C., a medicina estritamente ligada à religião. Todo o país estava mergulhado na fábula e no mito. O deus da cura era Asclépio, também conhecido como Esculápio. Primeiro homem e depois deus, conta a mitologia que Asclépio era filho do deus Apolo e da deusa Corônis. Após seu caso amoroso com Apolo, Corônis casou-se com um outro deus. Sentindo-se traído, Apolo resolveu vingar-se, mandando matar a sua amada. Depois de morta, Apolo arrependeu-se e arrancou o seu filho do ventre da deusa. O recém nascido Asclépio foi, então, entregue ao centauro Quironte, que lhe ensinou os segredos curativos das plantas. O menino era cercado por uma radiância e todos diziam que ele teria grandes poderes ao crescer e, de fato, Asclépio tornou-se um homem ligado às ciências, com um vasto conhecimento de ervas e da cura. Hades (Plutão para os romanos), deus do reino das trevas, resolveu matar Asclépio, pois este possuía o estranho poder de curar os enfermos, despovoando assim o seu reino. Foi então ressuscitado por Zeus, não como homem, porém como deus da cura. Vários templos foram erguidos em homenagem a Asclépio. O maior deles em Epidauro, foi escavado em 1881. Esses templos eram visitados por pessoas de todas as partes do mundo, que a eles se dirigiam a fim de obter alguma cura. Assim como as pessoas hoje se dirigem aos santuários de Lourdes na França, de Fátima em Portugal, ou a Casa da Fraternidade São Francisco de Assis em Uberlândia (BR), o mesmo acontecia com esses templos.

Curas milagrosas ali eram obtidas. As descrições dessas curas eram escritas em pedras e tábuas e expostas ao redor dos templos para serem lidas, aumentando assim o sentimento de fé dos fiéis e dando maior credibilidade ao tratamento. Os asclepiades (sacerdotes de Asclépio) sugestionavam os pacientes, num método semelhante a hipnose. Diziam a eles que iriam dormir e sonhar e que, através dos sonhos, Asclépio lhes revelaria o tratamento. E eles dormiam e sonhavam ! Os sonhos eram então interpretados pelos sacerdotes e de acordo com a interpretação era feito o diagnóstico e dada a medicação. Os santuários utilizavam, ainda, a música para as perturbações nervosas e recorriam à cirurgia quando julgavam necessário. Todo o ambiente era carregado de misticismo, e a persuasão e a sugestão eram largamente usadas, assim como ervas alucinógenas em forma de chá, que ajudavam o paciente a relaxar e estimulavam o sonho, através do qual Asclépio lhe revelaria a cura para a sua enfermidade. Havia vários templos espalhados por toda a Grécia, e até mesmo na Grã-Bretanha, em Chester, foi encontrado um altar entalhado para Esculápio e sua filha Hígia.

Aos poucos, a medicina grega baseada na religião, foi perdendo a sua vitalidade e se distanciando desta, influenciada pelas escolas filosóficas através de dois de seus grandes filósofos: Pitágoras e Alemêon. Nas escolas filosóficas, o pensamento humano começava a tomar consciência de seu próprio valor, de suas possibilidades e direitos. Seguindo o pensamento desses filósofos, a medicina começou a trilhar caminhos mais racionalistas. A influência dos deuses e as explicações sobrenaturais já não impressionavam como antes, tendendo submeter a fé e o saber ao julgamento do espírito, racionalizando-os. Nascia assim a medicina dos filósofos, sucedendo à medicina dos santuários, procurando compreender e interpretar os fenômenos da vida, emprestando o seus conhecimentos e princípios filosóficos à arte de curar. "Os filósofos gregos antigos interessavam-se pelo espírito e pelo corpo, tinham uma visão geral de todas as coisas. Eram por isso mesmo filósofos e físicos a um só tempo e até mesmo médicos, como foram os pitagóricos" (LOPES, 1970).

Já ao final do século V a.C., os médicos haviam se tornado independentes da religião, influenciados pelas escolas filosóficas, e totalmente dedicados à profissão,

gozando do mais alto respeito dos cidadãos. Começavam a surgir as primeiras escolas médicas, que iriam aglutinar e disseminar o pensamento médico da Idade Clássica. A medicina foi evoluindo com novas técnicas e um novo modo de encarar as doenças. Deu-se, assim, o nascimento da medicina racional, caminhando cada vez mais para a pesquisa e para o conhecimento empírico. Alêmeon (520 a. c.) considerado em sua época o Pai da Medicina, definia a saúde como harmonia das partes do corpo.

Hipócrates (450 - 346 a.C.) reagiu contra essa intromissão dos filósofos na medicina, que perdurou desde a época homérica até os seus dias. Ao afirmar que a medicina nada tinha a ver com os filósofos, procurou libertá-la das influências sacerdotais e filosóficas. Teve o mérito de demonstrar o primado da experiência e da observação, inaugurando novos métodos de exploração clínica, muitos dos quais ainda estão em vigor, empregando a inteligência e os sentidos como instrumentos de diagnóstico, fugindo das hipóteses previamente estabelecidas. Usava poucos remédios, preferindo o emprego de ar puro, vomitórios, clisteres e ventosas como parte de sua terapêutica. Acreditava que o corpo possuía em si mesmo, todos os elementos para defender-se contra as doenças e obter a cura (*Vis naturae medicatrix*). A febre, por exemplo, representa um sinal de luta do organismo contra a enfermidade. Criou um método científico que abarcou a semiologia (conjunto dos sinais das doenças), o diagnóstico (conhecimento das doenças pelos seus sintomas) e a terapêutica (tratamento das doenças). Elevou a profissão do médico prático à categoria de ciência, dissociando-a da Teurgia (ciência do maravilhoso, arte de fazer milagres) e da metafísica que impediam a pesquisa. Dizia que ciência e opinião eram duas coisas diferentes: a primeira exprimia conhecimento, a segunda ignorância. Nota-se ainda em Hipócrates uma grande preocupação com a ética da classe médica, como podemos verificar no famoso "Juramento de Hipócrates". Até hoje, vinte e cinco séculos depois de escrito, é recitado durante a solenidade de formatura na maioria das Escolas Médicas do mundo, continua atual pelos seus conceitos e pela sua essência. Imortalizou-se como o verdadeiro Pai da Medicina pelos seus métodos e dedicação à profissão, que ele considerava como a mais nobre de todas. "Pode se dizer que foi o primeiro a conceber a medicina no seu conjunto, e

o concebeu melhor no seu aspecto geral do que nos seus aspectos particulares. Muitos dos conceitos por ele defendidos continuam plenamente atuais e são essenciais à arte de curar”(LOPES, 1970).

Depois de Hipócrates, o maior nome da medicina ocidental foi Aristóteles (384-322 a.C.). Foi em Aristóteles que Galeno (131 - 201 d.C.) fundamentou suas teorias, que foram o breviário médico de toda a Idade Média. Galeno lançou as bases da anatomia patológica, aperfeiçoando o diagnóstico e a terapêutica. Note-se que Hipócrates e Aristóteles nunca dissecaram um cadáver, por causa de preconceitos religiosos, como também não realizaram cirurgias. A cultura grega considerava inferior uma pessoa que sujasse suas mãos no exercício de qualquer profissão, sendo Galeno um dos primeiros a romper essas barreiras.

Após esses grandes homens, que elevaram o espírito médico e a própria medicina à categoria de ciência, tentando livrá-la do misticismo natural, era de se esperar que a medicina continuasse em pleno avanço, rumo a novas técnicas e a novos métodos de cura, favorecendo todos os seres humanos, que viam nela a possibilidade de luta, com sucesso, contra a doença e até mesmo contra a morte. Mas, aconteceu justamente o contrário. A medicina eclipsou-se e viu a religião assumir uma função que era sua, o poder de curar e aliviar os doentes. Vários fatores contribuíram para o retrocesso da medicina, entre eles a decadência e a queda do Império Romano (395), a ascensão do catolicismo (Edito de Milão, 313) e, principalmente, as várias pestes que assolaram a Europa nos primeiros anos da era Cristã, como: Peste de Vesúvio(79), Peste de Orose (125), Peste Antonina (164), Peste Justiniana(302), entre outras.

Incapaz de vencer os diversos surtos epidemiológicos que ceifaram cerca de um terço da população mundial nos primeiros séculos de nossa era, a medicina foi aos poucos caindo num descrédito natural, já que não conseguia evitar os contágios e nem mesmo explicar as origens dessas epidemias. Nessa época, o cristianismo encontrava-se em plena ascensão, e embutida de caridade cristã, as igrejas criaram vários hospitais, hospícios e leprosários, a fim de dar assistência material e conforto espiritual aos contaminados, incutindo neles a esperança de alguma cura, ou mesmo o perdão de seus pecados, no caso de morte, a fim de que pudessem gozar dos

benefícios de uma vida não terrena. A história está repleta de episódios extraordinários de cristãos trabalhando na salvação e no tratamento dos doentes, pondo em risco suas próprias vidas no exercício da caridade e de uma profissão da qual pouco conheciam.

Diante do fracasso da ciência médica em sustar e controlar as diversas epidemias, a esperança do povo dirigia-se, assim, para forças sobrenaturais, para as quais se voltavam agora com mais fé, fazendo ressurgir a antiga crença de que as doenças eram um castigo divino pelos seus pecados, e dispostos às mais variadas penitências a fim de não receber o castigo de Deus. A história também está repleta de pessoas que se flagelavam da maneira mais brutal possível, a fim de escapar da ira Divina. A idéia de uma cura religiosa, dominou na época em que o cristianismo se firmava como a religião do sofrimento, da fraternidade e da união com Deus. Este, vingativo e rigoroso. Os doentes, quando tomavam conhecimento da doença, recorriam não ao médico, mais aos conventos, esperando obter alguma ajuda. Os conventuais, diante da necessidade de ajudar aos doentes, passavam horas e horas iniciando-se na prática médica, tentando aprender uma maneira de auxiliar os doentes, além das rezas e penitências. E, paradoxalmente, graças a eles a arte médica não ficou totalmente relegada correndo o risco de se perder no tempo. O que ainda existia de escrito sobre medicina encontrava-se sobre a proteção da Igreja, nas bibliotecas espalhadas pelos diversos conventos e era nessas obras, principalmente nos escritos de Galeno, que os conventuais buscavam maneiras de melhor atender os enfermos. Mas, nem a medicina e nem a fé em Deus, conseguiram erradicar as pestes, ocasionadas principalmente pelas guerras e pela falta de higiene das cidades. Apenas conseguiam amenizar os seus efeitos. Se os religiosos não conseguiam salvar os pacientes, pelo menos proporcionavam-lhes um conforto espiritual, mediante a promessa de uma vida eterna sem sofrimentos.

Juntamente com as pestes e a ascensão do catolicismo, a decadência dos impérios gregos e romanos, contribuíram também, em muito, para o grande período de letargia da medicina, cerca de 1.500 anos. Com a queda desses dois impérios, destruiu-se o centro da cultura mundial, levando consigo a inteligência e os conhecimentos acumulados ao longo dos anos por essas culturas. Tudo que havia

sobre o passado encontrava-se perdido, jogado e, aos poucos, foram sendo recolhidos e juntados pela Igreja que, apesar de não divulgar um passado que não lhe interessava, cuidou da conservação desses escritos, traduzindo, inclusive, muitas obras para o Latim.

Os médicos gregos e romanos esqueceram-se rapidamente dos princípios racionais de Hipócrates e Galeno, caindo no empirismo, no misticismo e na superstição. Era comum receitarem, juntamente com a medicação apropriada para o mal, preces e orações para influenciarem positivamente na cura. O prestígio dos médicos foi decaindo aos poucos, e muitos já duvidavam mesmo de seus métodos, enquanto que a esperança do povo se voltava cada vez para o sobrenatural, para a fé em Deus, não só nos processos de cura, como também em todos os outros processos da vida cotidiana. Nesse período (começo da Idade Média), a medicina voltou a ser Teúrgica. As pestes que dizimavam as populações eram consideradas castigo de Deus aos homens pelos seus pecados. Todos dirigiam-se a Deus, penitenciando-se e pedindo a graça da cura, ou de não contrair as doenças. “A medicina havia-se convertido num negócio de emplastos, cataplasmas, talismãs e amuletos, de mistura com bruxarias e encantamentos” (GARRISON, apud LOPES, 1970). “Daí por diante a Igreja assumiu a liderança científica, a qual de certa forma, tomou o caráter quase que exclusivamente místico, tornando-se assim, a medicina dogmática, orientada pelos princípios da piedade cristã, naturalmente da fé” (CASTIGLIONE, 1947).

Após a desintegração do Império Romano seguiu-se um período de decadência moral, espiritual e governamental. Os Estados, antes dominados por Roma, com um modo de pensar e agir semelhantes, encontravam-se em fase de letargia, de não governo, onde as atividades políticas e culturais pareciam não mais existir, perdendo o seu norte, estagnaram-se. Coube então à Igreja Católica, instituição que começava a se organizar, a condução do pensamento e do modo de vida nesses Estados, que foram se organizando no regime Feudal. A Igreja constituiu-se rapidamente em centro de dominação, praticando o poder temporal (o Papa como autoridade Civil), passando a ditar a conduta dos homens, organizando-os e direcionando-os para os seus propósitos.

As ciências, nessa fase, também estagnaram-se tendo, inclusive, regredido, dominada pelo dogmatismo e pelo conservadorismo da Igreja. A liberdade de pensamento dos gregos, dedutivo e racional, deu lugar a um pensamento elaborado, escolástico, seguindo cânones acanhados e rígidos. A medicina, na forma que era praticada pelos médicos gregos, como já vimos, foi praticamente extinta, como também os médicos, enquanto que, nos conventos, os religiosos se esforçavam ao máximo para aprenderem algumas técnicas médicas, a fim de aliviar os sofrimentos dos doentes. Aos poucos, os conventuais foram conseguindo curar algumas doenças, mas não conseguiam erradicar as pestes e nem explicar as suas origens e a cada peste morriam mais e mais pessoas. Ao mesmo tempo que iam realizando curas, através de práticas médicas rudimentares e de preces junto aos santos, fortaleciam cada vez mais na população a crença no poder curativo dos Santos. Assim, vários santos eram adorados como protetores contra as doenças: São Roque e São Sebastião eram os protetores contra as pestes, São Jó contra a lepra, Santa Luzia, protetora dos olhos, e muitos outros. As pessoas, quando doentes, dirigiam preces e sacrifícios ao santo específico para aquela doença, e quando saravam, atribuíam a graça à intervenção do santo junto à Deus. Até hoje, essa prática de cura é muito comum e bastante arraigada nas crenças populares, principalmente nos locais menos favorecidos de nossa sociedade onde o acesso a médicos e informações é bem restrito.

Assim, arrastou-se a medicina por alguns séculos até, que no século VIII, surgiu a primeira escola médica da Idade Média, Escola de Salerno, próxima a Nápoles. Nasceu da união de profissionais independentes, de tradição grega, que se organizaram e passaram a estudar e ministrar cursos de medicina. Ali, isolada dos conflitos religiosos, a arte médica começou a reviver o seu passado glorioso, da época clássica, dos ensinamentos de Hipócrates e Galeno. Praticava-se, nesse local, uma medicina atuante e científica, baseada nos ensinamentos desses dois mestres. Em 1130, o Concílio de Clermont e o Concílio de Latrão em 1139 proibiram os monges de praticarem a medicina fora dos conventos, favorecendo os profissionais da área, que começavam novamente a se firmar. Mas eram tão poucos, que a maioria das pessoas não tinham acesso aos médicos. Salerno representou o grande divisor da medicina na Idade Média. Há um poema bastante interessante e atual, sobre hábitos

de vida, originado da Escola de Salerno intitulado “ *Regimen Sanitatis Sarnitanum*”, que entre os seus conselhos encontra-se o seguinte:

“ Se a tua saúde e vigor queres manter
Foges da preocupação e aborrecimentos
Julgue toda a cólera aviltante
Modere tua comida e tua bebida
Socorre-te sempre dos três médicos:
O doutor Dieta
O doutor Alegria
E o doutor tranquilidade.”

Mas a ciência médica ainda não conseguira recuperar o terreno perdido, muito faltava ainda para que a população viesse a ter a mesma confiança de outrora nos médicos e em suas técnicas. Os conventos e os sacerdotes continuavam sendo os preferidos e os únicos acessíveis para a maioria do povo, quando precisavam de algum auxílio contra as doenças. As pestes continuavam a assolar a Europa, agora trazidas pelas campanhas religiosas como as cruzadas (séc. XI-XIII). Nas suas idas e vindas, os cruzados traziam nos porões dos navio os temíveis ratos, portadores das pulgas transmissoras da terrível peste negra que, ao chegarem nas cidade encontravam um ambiente propício para multiplicarem-se rapidamente, devido à promiscuidade e a falta de higiene. Também várias outras doenças eram trazidas pelos cruzados, adquiridas em suas longas andanças, causadas principalmente pelas precárias condições dos exércitos, como a desintéria, a varíola, o escorbuto, etc... Há os que dizem que o fracasso das cruzadas deve-se à insuficiência médica da época. As doenças foram adversários bem mais terríveis que os infiéis, ceifando mais vidas do que as batalhas.

Numa época de tantas epidemias que provocaram inúmeras mortes, a medicina não podia mesmo encontrar terreno para se afirmar, visto que não conseguia encontrar métodos de combate as essas doenças. Nessa época, foram vendidos quantidades assustadoras de amuletos, inclusive por médicos, que

acreditavam ter o poder de afastar as doenças. Várias receitas surgiram com o intuito de curar os doentes, uma das mais interessantes foi o hábito de ingerir a própria urina misturada com a artemísia amarga. No séc. XIV, a peste negra, também conhecida como peste bubônica fez, novamente, tantas vítimas que chegou-se a acreditar que o fim do mundo estivesse próximo, que a peste fosse um dos Cavalheiros do Apocalipse de que fala São João. Os médicos, cientes de sua impotência diante desse quadro, limitavam-se a aconselhar algumas medidas de profilaxia e a rezar pelos doentes.

Marcadas pela teocracia dominante, pelo cerceamento das liberdades individuais, e pelo controle rígido de tudo o que se produzia em termos culturais, as ciências, como as artes e as letras, sofreram como que uma parada no tempo tendo, em muitos casos, regredido durante o período da Idade Média, também conhecido como “A noite de mil anos”. Coube primeiramente aos artistas, principalmente os italianos, romperem com a mentalidade dominante da era medieval. Inconformados com o que se produzia em termos de artes, começaram a reagir enveredando por caminhos diferentes, invocando um passado que achavam ter sido mais interessante, mais produtivo, a era Clássica. Começou assim a surgir o movimento conhecido como Renascimento, que sugeria uma volta aos originais clássicos, principalmente à cultura dos gregos e romanos, com uma ampla divulgação de seu conteúdo exato, em idioma original, expurgando as imperfeições e distorções ocasionadas pelas traduções desses para o latim, o que dificultava e desestimulava os leitores. Volta à cena os idiomas vivos, locais, substituindo o latim entorpecido, divulgado pela Igreja. O surgimento da imprensa (1455) em muito contribuiu para a divulgação desses originais, permitindo que um maior número de pessoas pudesse ter acesso a essas obras. A cultura voltava a fruir e o movimento renascentista fez-se sentir em diversas áreas, inclusive na científica. Novas descobertas e novos inventos revolucionaram o meio científico e influenciaram em outras áreas. A invenção da bússola e do astrolábio favoreceram as navegações e proporcionaram a descoberta de novos continentes. A invenção da luneta contribuiu para novas descobertas astronômicas e possibilitou a Nicolau Copérnico desenvolver o seu sistema planetário (Heliocêntrico), no qual o Sol era o centro do Universo, causando grande

alvoroço e criando um cisma com a Igreja, segundo a qual a Terra era o centro do Universo. O movimento era intenso e geral e, conseqüentemente, na medicina também fez surgir avanços. Miguel Servet, Paracelso e Vesálio foram os grandes nomes da medicina nessa época. Vesálio, dissecando cadáveres, iniciou o estudo sistemático da anatomia. Serfet foi precursor de Harvey no descobrimento da circulação sanguínea, e Paracelso dominava os segredos da medicina popular e da alquimia, da qual muitas vezes utilizava, realizando importantes curas em seus pacientes.

Os três marcos decisivos para a evolução da ciência médica foram a nova anatomia, a obra de Paracelso, e a elevação da cirurgia a nível de ciência, até então só praticada pelos cirurgiões-barbeiros, que se situavam num plano muito inferior aos médicos. Lanfrac, incentivador da união da medicina e da cirurgia, dizia que os médicos não tinham o direito de ignorar a cirurgia, e os cirurgiões não podiam ser completos não sabendo medicina (Susruta, médico indiano já dizia o mesmo, 500 anos antes de nossa era) . As pessoas voltaram novamente a experimentar o espírito de liberdade, a sentirem a força da crítica e da discussão, dirigindo-as para a realidade cotidiana, enquanto que a Igreja via o seu poder sendo diminuído, devido a diversos conflitos internos. Houve uma mudança de mentalidade, um rompimento com todos os conceitos doutrinários e estáticos propagados pela Igreja, beneficiando assim as ciências que puderam evoluir rumo a outros planos, distanciando-se do dogmatismo católico. A medicina começa a retornar para os ensinamentos de Hipócrates, tornando a ser uma ciência baseada na observação e na realidade patológica.

O século XVII caracterizou-se, do ponto de vista médico, pelas inúmeras teorias visando a explicação da vida e do modo de funcionamento do organismo, como a teoria iatro-física, segundo a qual o organismo funcionava como uma máquina, e que este podia submeter-se a exame físico e matemático; teoria iatro-química, o organismo era resultado de reações químicas, o desequilíbrio nessas reações provocavam o enfraquecimento, ocasionando as doenças; e a teoria de Stahl (1660-1734), para quem a alma é a vida, a maneira pela qual a vida se manifesta, atuando diretamente sobre a substância corporal; e muitas outras teorias. Todas estas teorias, embora não se sustentassem a partir de críticas mais severas, representaram

o pensamento científico de uma época e contribuíram para a evolução desse pensamento, servindo como base para o conceito moderno médico sobre o funcionamento do corpo humano. Thomas Sydenham (1624-1689) foi um dos poucos que permaneceu fiel aos ensinamentos hipocráticos, procurando ater-se a observação clínica direta dos doentes. Afirmava convicto que a arte médica só se aprende no seu exercício prático, considerando o doente como o mais interessante de todos os livros.

A medicina viveu um período bastante conturbado, de teorias várias, de avanços sobre o funcionamento do corpo humano, como a descoberta da circulação sanguínea e a nova anatomia, iniciadas por Versálio, e o rompimento do preconceito religioso de violação dos cadáveres permitindo, com as dissecações, um estudo mais detalhado dos órgãos. Os médicos voltaram a receber a consideração da sociedade, a serem respeitados e procurados. Estranhamente nos conta a História Médica que nesse período (Séc. XVII) houve também um crescimento dos curandeiros, dos charlatões, que visavam, segundo essa mesma História, a aproveitarem-se dos doentes, enriquecendo-se às custas desses. Acontece que esses curandeiros contavam com a arrogância e a vaidade dos médicos que, nesse século conturbado, viviam atracando-se uns com os outros, teoricamente e às vezes fisicamente, convictos de que eram os senhores da verdade, defendendo com unhas e dentes suas teorias, escondendo a sua ignorância nas palavras difíceis e nas vestes diferenciadas (batina preta de gola vermelha). Como vemos, uma figura dessas não gerava muita simpatia por parte da grande massa de humildes, que preferiam consultar com os curandeiros, pois estes despertavam maiores simpatias e traziam consigo uma herança cultural de muitos séculos, já bastante arraigada na mentalidade popular. Além disso, nos lugares mais afastados e mais pobres não havia médicos, sendo as suas funções substituídas pelos curandeiros. Os honorários médicos também sempre foram um empecilho para as camadas menos favorecidas. Como os médicos eram poucos e a profissão considerada nobre, eram orientados a cobrarem, e bem, por suas consultas, a fim de poder manter as suas pesquisas e o seu “status ” perante a sociedade.

Os sucessos obtidos no século XVII continuaram em ritmo acelerado no século XVIII. Um dos grandes sucessos foi a descoberta da vacina contra a Varíola,

pelo inglês Jenner (1749-1823). Grandes novidade surgiram, como o Mesmerismo (método de cura utilizado por Mesmer) e a Homeopatia, provocando inquietações na classe médica. Esses métodos foram responsáveis pela união d'aquela que era considerada, até então, a classe mais desunida de todas as épocas, com o intuito de combater estes métodos, que contrariavam tudo o que se havia produzido sobre medicina até então.

Franz Anton Mesmer (1734-1815) criou um método de cura individual que despertou bastante interesse e curiosidade, além de conseguir resultados animadores com o seu processo, baseado no magnetismo. Sua idéia nasceu a partir da notícia de que um imã colocado sobre um órgão doente auxiliava na cura deste. De posse desse imã, magnetizava os seus pacientes e, com um poder próprio de sugestão, curava-os com o simples passar de mãos sobre eles. Conseguiu uma legião de seguidores com o seu método e realizou verdadeiros milagres. Descobriu então, que não era o imã que lhe proporcionava esse poder. Abandonando o imã, obtinha os mesmo resultados que com ele, concluindo que o poder curativo emanava dele próprio, cuja a origem ele desconhecia. Espantou-se com o fato de poder curar sem o imã, e rotulou essa força de magnetismo animal. Como agiam essas forças, e porque uns eram mais sensíveis do que outros ao tratamento ? Ele não possuía estas respostas, apenas sabia ser portador desse poder, e auxiliava as pessoas que lhe procuravam.

Mas, logo a “ciência oficial” começou a lhe dirigir ataques. Os médicos, reunidos em Paris, conseguiram que os métodos utilizados por Mesmer fossem estudados por uma comissão, que diria se existia mesmo ou não, esse tal magnetismo animal, e se ele era realmente curativo. Foi julgado e condenado. Várias vozes se levantaram em seu favor, mas foi vencido. Fugiu da França e isolou-se, cuidando de suas teorias e evitando a popularidade.

Samuel Hahnemann (1755-1843), atormentado por escrúpulos e inconformado com os métodos tradicionais de tratamento baseados no princípio curativo “*Contraria, contrariis curantur*” (Os contrários com os contrários se curam) defendido pelo método alopático, uma hegemonia até então, propunha um método diferenciado, “ *Similia similibus curantur*” (Os semelhantes com os semelhante se curam), princípio homeopático. No método alopático, o princípio terapêutico

baseia-se na capacidade dos medicamentos em combater as doenças, ou os agentes causadores desta. Assim, o próprio remédio age diretamente sobre estes agentes eliminando ou neutralizando os seus efeitos, cessando assim o mal que provocavam no indivíduo. Acontecia que a maioria desses medicamentos era tóxico e os métodos utilizados eram muito agressivos, provocando fortes efeitos colaterais, chegando até mesmo, em muitos casos, a matar o paciente. Várias idéias fantasiosas sobre como se originavam as doenças no interior dos indivíduos levaram a práticas médicas reconhecidamente nocivas e prejudiciais aos doentes. A mais comum era a eliminação dos venenos internos (impurezas), através do aumento das excreções orgânicas, e também da sangria. Ficou famosa a frase “ele morreu curado”, atribuída aos médicos da época, após o rotineiro falecimento dos pacientes atendidos.

O método homeopático, defendido por Hahnemann, baseiava-se (e baseia-se) na capacidade de reação do próprio organismo, através de um estímulo do seu sistema imunológico. Assim, injetando-se uma dose infinitesimal do próprio agente causador da doença, esta dose estimularia o sistema imunológico do organismo, e este seria suficiente para dar fim a esses agentes, desaparecendo por completo com a doença e sem provocar nenhum efeito colateral ao organismo. Toda substância capaz de provocar determinados sintomas (físicos ou psíquicos) numa pessoa sadia, é também capaz de curar uma pessoa doente, que aparente estes mesmos sintomas (idéia central da semelhança). Este princípio já havia, também, sido previsto por Hipócrates.

Contrariando princípios já previamente aceitos e profundamente estabelecidos pela sociedade médica da época, Samuel Hahnemann despertou a fúria de toda uma classe contra o seu método. A reação foi tanta e tão veemente que faltou serenidade e ninguém parou para tentar entender o seu raciocínio e verificar se sua teoria possuía fundamentos ou não. Foi considerado charlatão, sendo-lhe negado todos os méritos e expulso da sociedade médica. Depois dele, a Sociedade de Medicina de Paris fez constar de seu regulamento que: “ Todo médico que aceitar uma conferência com um sonâmbulo, magnetizador, homeopata ou charlatão de mesma espécie, será considerado demissionário.” Apesar disso, conseguiu em 1810 publicar o famoso ORGANON, no qual expunha as bases filosóficas, teóricas e

metodológicas da homeopatia. Suas idéias, tão combatidas, conseguiram gerar inúmeros seguidores por todo o mundo, e até hoje conta com inúmeros adeptos e também com muitos obstáculos e preconceitos, por parte de médicos e da população. A história da medicina demonstra uma grande resistência à mudanças, o que retardou e continua retardando o seu progresso.

As guerras e as convulsões sociais, como as Revoluções Francesa e Americana, impediram as ciências de alçarem maiores progressos, vindo a apresentar uma evolução, de fato, a partir do século seguinte.

O século XIX representou o grande passo da medicina para a modernidade. Os médicos passaram a gozar de mais respeito junto a população, ao mesmo tempo que passaram a adotar uma atitude menos arrogante, mais respeitosa. Já não havia tantos desentendimentos entre os profissionais da área e as teorias eram cuidadosamente elaboradas e testadas antes de serem alardeadas, tornando-se mais sustentáveis. A Igreja mantia a maioria das Universidades e passou a cuidar para que os médicos não se distanciassem da religião, fazendo com que abandonassem a prepotência e a arrogância. Novas invenções e novas descobertas levaram a ciência médica a gozar de alto prestígio junto ao povo, que passou a acatar com menos receio as recomendações médicas e a seguir a medicação apresentada. O ensino médico tomara novo rumo, agora dividido em áreas, tornando-se mais restrito e mais especializado, surgindo assim os médicos especialistas. As cirurgias até então eram muito pouco recomendadas. O problema maior eram as fortes dores que os pacientes sentiam, durante e após as operações. O éter e o clorofórmio começaram a ser utilizados como anestésicos, o que representou um grande alívio para os pacientes e para os cirurgiões, que podiam então operar tranquilamente sem os gritos e gemidos de dor do paciente, que tinha que ser fortemente amarrado antes do surgimento dos anestésicos. A cirurgia passou a ser mais utilizada e mais aceita. Outro problema grave enfrentado pelas cirurgias eram as infecções, causadas principalmente pela falta de higiene dos hospitais e dos próprios médicos. Era comum distinguir um cirurgião antigo de um novato pela quantidade de respingos de sangue e pus que ele trazia em seu jaleco. Também não observavam a assepsia antes de uma operação. Na mesma mesa onde fora realizado uma dissecação de cadáver, por exemplo, era

realizado logo em seguida uma operação para a retirada do apêndice ou um parto. Não havia a menor preocupação com a higiene e a consequência de toda essa sujeira era que a maioria dos operados morria no pós operatório. O paciente escapava da cirurgia, mas, raramente, conseguia escapar das chamadas doenças dos hospitais. A mortalidade chegava a quase 90% dos casos, tornando a prática cirúrgica totalmente inviável. Igniz Smmelweis (1818-1865) foi o primeiro médico a observar que a falta de higiene dos médicos e dos hospitais contribuía, em muito, para o desencadeamento de doenças e impôs medidas de higiene em seu hospital, como a lavagem obrigatória das mãos em uma solução de hipoclorreto de cálcio, bem como a lavagem dos instrumentos, das vestes e das roupas de cama, e viu reduzir sensivelmente o número de óbitos em seu hospital. Publicou em 1861 um livro onde dava conselhos sobre a assepsia e sobre os benefícios dessa para os doentes, e viu o seu estudo ser tratado com indiferença pela classe médica, que não acreditava em sua teoria. Ficou tão indignado com o tratamento recebido que publicou uma carta aberta ao público com os seguintes dizeres: “Ó tu que és pai, sabes o que significa chamar para a cabeceira da cama de tua mulher um médico ou uma parteira, quando ela necessita de um auxílio por ocasião do parto? Significa que está pondo em risco a vida de tua esposa e filho. Se não queres perder a tua mulher e filho, então pega alguns níqueis, compra um pouco de cal, derrama em uma tigela com água, e não deixe que o médico ou a parteira examinem a tua mulher sem antes, na tua presença, lavarem as mãos nessa barrela”(LOPES, 1970). Tal recomendação não passou despercebida ao público, e os médicos se viram obrigados a reverem o seu ponto de vista sobre a teoria de Igniz, constatando a validade e a necessidade da mesma.

Pasteur (1862-1895) realizou importantes estudos sobre a microbiologia, derrubando o mito da geração espontânea, demonstrando a responsabilidades dos micróbios por muitas doenças. Prosseguindo em seus estudos, constatou que era possível aumentar ou diminuir a virulência desses micróbios, e com o auxílio deles obter a imunidade. Surgiram assim as primeiras vacinas contra as doenças infecciosas. A partir de então, todas as atenções da área médica voltaram-se para a bacteriologia. Em vários países fundaram-se institutos de pesquisas semelhantes ao Instituto Pasteur de Paris, visando a descoberta dos germes responsáveis por

diversas doenças. A medicina avançava a passos largos. Em 1891, Robert Koch dava os primeiros passos para o combate da temível peste branca (tuberculose); em 1895 Roentgen descobriu o Raio X, tornando os diagnósticos mais confiáveis; em 1898 Maria Skeodwska Curie, descobriu o Rádio, um importante aliado na luta contra o câncer. Esses e outros inúmeros inventos e descobertas proporcionaram o salto qualitativo e quantitativo da medicina no século seguinte.

As descobertas e os avanços continuaram por todo o século XX, contando com um forte aliado: a tecnologia. Só para citar alguns exemplos, tivemos as descobertas das vitaminas; a descoberta das penicilinas e da insulina; a descoberta dos grupos sanguíneos humanos; a revelação do papel dos cromossomos na transmissão hereditária; o surgimento de novas vacinas, contra a poliomielite, a raiva, a BCG...; e outras. Inúmeras descobertas e inventos continuaram a surgir, até chegarmos ao final desse nosso século ao implantes de órgãos, aos ultra-sons; às cirurgias a laser; e finalmente, a clonagem de animais. As doenças passaram a ser combatidas com mais eficiência, e a vida tornou-se mais protegida.

Porém, em fins de século, apesar do notável progresso alcançado pelas ciências, enriquecendo a arte médica e tornando-a essencial à vida humana, constatamos que muitas doenças ainda não conseguiram ser erradicadas e que a medicação e os métodos propostos não fazem mais do que atenuar os efeitos dessas doenças. Isso sem falar nos efeitos colaterais dos remédios. Só como exemplo podemos citar as enxaquecas, o câncer, a aids, a leucemia, e muitas outras. A medicina consegue catalogar todas essas doenças, sabe na maioria dos casos o que as provoca, mas não sabe como curá-las. O que fazer então quando se está acometido por alguma dessas doenças ? Conformar-se e suportar o desconforto e as dores causadas por elas ? Algumas pessoas pensam assim, e aceitam passivamente o que chamam de má sorte ou desígnios de Deus. Outras procuram vários especialistas, tomam toda sorte de remédios, buscam tratamentos alternativos, vão a centros espíritas, a terreiros de umbanda, consultam raizeiros, não se conformam e buscam, por todos os meios, alguma forma de se livrar da doença. Este último caso parece ser o mais comum, e é sobre estas pessoas e sobre um destes métodos alternativos de cura, que se baseia este trabalho. Quando a medicina falha, ou não consegue

apresentar resultados confiáveis, as pessoas são tomadas de um súbito desespero, apegam-se a Deus com toda a sua força, e procuraram tratamentos alternativos de qualquer espécie. O importante é obtenção da cura. “ A medicina, e em especial o médico, atravessa momentos de crise. Apesar do crescente avanço diagnóstico, não se conseguiu melhorar significativamente o nível de saúde da população. Apesar do lançamento contínuo de novas drogas, a preços cada vez mais exorbitantes, o paciente continua insatisfeito e sofrendo os efeitos nocivos das próprias drogas que deveriam apenas ajudá-lo” (DANTAS,1984).

Por estas razões, neste final de século, muitos cientistas e médicos estão sendo levados a se perguntar se talvez não existem outras formas de ajudar nas curas, que não devam passar necessariamente pelos métodos oficiais da medicina e suas medicações laboratoriais.

Acredito que outras formas existem e que estudos mais sérios e menos tendenciosos devam ser realizados sobre os métodos alternativos de cura (aqueles que não são reconhecidos pela ciência médica ocidental), tentando abstrair os pontos positivos, desmistificá-los se for o caso, e adicioná-los às práticas médicas convencionais, levando-se sempre em conta o bem estar do paciente. Apresentarei em seguida a Casa da Fraternidade São Francisco de Assis, local onde curas espetaculares são conseguidas sem a utilização dos métodos de cura cultivados pela medicina oficial.

CAPÍTULO 2

A CASA DA FRATERNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

“Jung, o grande discípulo e depois dissidente das idéias de Freud, escreveu : O homem tem de lutar com o problema do sofrimento. O oriental quer livrar-se do sofrimento, expulsando-o; o ocidental procura suprimi-lo com remédios. Mas o sofrimento precisa ser superado, e o único meio de superá-lo é suportando-o. Aprendemos isso somente com Ele (o Cristo crucificado)” (JUNG apud VIEIRA DE SOUZA, 1996).

Existem no Brasil cerca de sete mil centro espíritas kadercistas, espalhados por todo o país. Estes seguem os ensinamentos codificados pelo pedagogo francês Alan Kaderc. O espiritismo é uma doutrina religiosa que se baseia na caridade para com o próximo, na reencarnação do espírito, e no poder de se comunicar com os mortos. Este poder é conhecido como mediunidade. Médiuns são pessoas que desenvolveram a capacidade de conversar ou de incorporar espíritos, transformando-se num canal de comunicação entre o mundo dos vivos e dos mortos. Para os espíritas, a alma (o espírito) não morre junto com o corpo, fica em uma outra dimensão cumprindo a sua missão ou a espera de uma nova reencarnação, se assim desejar, a fim de que possa concluir o seu ciclo evolutivo rumo à Perfeição, à descoberta da Lei Divina, e ao Amor.

A Casa da Fraternidade São Francisco de Assis, fundada em 1986, está localizada à rua do Médico, nº 80 , Bairro Santo Inácio, Uberlândia-Mg. Embora pratique a doutrina espírita, não se auto denomina como centro espírita, pois que esta denominação poderia afastar pessoas necessitadas, por motivos de convicções religiosas. Assim, a Casa da Fraternidade São Francisco de Assis é o que o nome diz: uma casa de fraternidade, preocupada em prestar amparo a todas as pessoas que à ela recorrem, sem qualquer tipo de preconceito religioso, social ou racial, e sem exigir qualquer espécie de remuneração. Sob a direção do Dr. Nelson Teixeira, auxiliado pela sua esposa Zahia, pelo seus filhos, e por uma equipe de aproximadamente quatrocentos trabalhadores (médiuns), a Casa presta inúmeros trabalhos de cunho social para a comunidade. Entre eles: uma refeição diária para as

pessoas carentes (sopão), recolhimento e distribuição de roupas e agasalhos para os necessitados, principalmente na época fria do ano; e o que considero o mais importante de todos, sessões semanais de curas, sempre às sextas feiras.

O Dr. Nelson Teixeira é médico, CRM 16.686, clínico e homeopata, atendendo em seu consultório à rua Icaraf, nº 121, Bairro Maracanã, Uberlândia-Mg, onde não se consegue marcar uma consulta com menos de dez dias de antecedência devido ao grande número de pacientes, originados graças a eficácia de seus tratamentos. Geralmente o Dr. Nelson recomenda ao seu paciente, juntamente com os métodos homeopáticos ou com os métodos convencionais da medicina, que ele frequente a Casa da Fraternidade durante os tratamentos, para que seja tratado em conjunto com o Dr. Hansen, respeitando sempre as crenças de cada um.

Dr. Hansen é o espírito incorporado pelo médico e médium Dr. Nelson Teixeira. Hansen (1861-1917) nasceu em Berlim, capital Alemã, foi professor, médico clínico, cirurgião, e tinha por convicção religiosa o espiritismo. Foi casado e teve três filhos, o mais novo chamava-se Gunther, que seguiu os passos do Pai e formou-se também em medicina. O Dr. Nelson seria a reencarnação de Gunther. Durante a Primeira Guerra Mundial, Dr. Hansen decidiu-se alistar como voluntário, para ajudar a tratar os combatentes feridos em batalha. Antes de partir para os campos de batalha, chamou o seu filho e entregou-lhe três livros para que os estudasse. Segundo seu pai, ali ele aprenderia tudo aquilo que a medicina não lhe ensinou. Os livros eram: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Livro dos Espíritos*, e *O Livro dos Médiuns*. Sua nora, Herta, noiva de Gunther, decidiu acompanhá-lo, alistando-se como auxiliar de enfermagem, e juntos partiram para os campos de batalhas. A Sr. Zahia seria a reencarnação de Herta. Em 29 de outubro de 1917, uma bomba foi lançada no acampamento, atingindo diversos pavilhões, entre eles os de enfermagem, matando grande número de pessoas, entre elas, o Dr. Hansen e sua nora, Herta (coincidentemente, nesse mesmo bombardeio, foi morto o Dr. Fritz). Gunther, desolado pelas mortes do pai e da noiva, dedicou-se com afinco à tarefa de prestar auxílio aos necessitados, como lhe fora pedido por seu pai. Também debruçou-se na leitura dos livros que lhe foram presenteados, como forma de aliviar a dor que sentia pela perda dos entes queridos. Assim, iniciou-se no espiritismo, e

passou a compreender melhor a sua dor e a de seus irmãos, chegando a um estado de maturidade interior, preparando-se para a missão que lhe seria confiada em um futuro distante, em uma outra encarnação.

Dr. Nelson conta que certo dia, estava orando em sua casa junto com sua esposa quando, de repente, surgiu uma figura bastante luminosa, identificando-se como Dr. Hansen. A entidade dissera que vinha a pedido de São Francisco de Assis e que iria, junto com eles e com a coordenação do Santo, realizar uma importante missão, que requereria bastante sacrifícios e muita dedicação, e que só mais tarde lhe seria explicada a razão da referida missão. Assim, iniciou-se os trabalhos espirituais de cura realizados pelo Dr. Nelson, incorporado pelo espírito do Dr. Hansen, e sob a benção de São Francisco de Assis.

No início, os trabalhos eram realizados com a presença de apenas três médiuns e sem local certo, até que fosse construído um local definitivo para realização dos trabalhos. O local escolhido foi o já indicado acima, por se encontrar um tanto afastado da cidade, e por possuir uma grande área, pois já estavam esclarecidos da grandiosidade dos trabalhos. Assim, com o auxílio de outros irmãos, adquiriram o terreno, onde seria construída as futuras instalações da Casa da Fraternidade São Francisco de Assis.

A Casa conta hoje com três grandes galpões, com infraestrutura para abrigar aproximadamente mil pessoas, que para lá se dirigem todas as sextas feiras à procura de alívio para os seus diversos males. No fim desses galpões ficam as salas de desobsessão e as salas de leitos. Além desses galpões, existe também um outro cômodo, onde fica a cozinha e o refeitório, com distribuição gratuita de almoço, café da tarde e janta, para aqueles que desejarem. As refeições, bem como a limpeza dos talheres e do cômodo são feitas pelos trabalhadores, pessoas que se incumbem dessas tarefas semanalmente e por voluntários, pessoas que foram se tratar no dia e se oferecem para ajudar. Os alimentos são conseguidos através de doações da comunidade.

A rotina para tratamento na Casa da fraternidade é bem cansativa. Exige paciência, persistência e, por que não, preparo físico. A atividade começa cedo, quando as caravanas vindas de outras cidades chegam. Forma-se uma fila única,

enquanto aguarda-se a distribuição de fichas pelo pessoal da Casa. As pessoas da cidade de Uberlândia devem pegar as fichas nas quintas feira, sendo atendidas na parte da tarde de sexta feira. Após a distribuição da fichas, as pessoas começam a adentrar em um dos salões e vão se acomodando até esgotar os lugares deste. As demais continuam aguardando do lado de fora. Lá dentro houve-se música por um pianista, trabalhador da Casa. As primeiras fileiras de pessoas são conduzidas para as salas de desobsessão, locais onde alguns médiuns ficam orando, a fim de afastar os espíritos menos evoluídos que acompanham os frequentadores, que são orientados a elevarem seus pensamentos a Deus e a se concentrarem no que os levou ali. Depois de uma rápida passagem por estas salas, são três no total, as pessoas são conduzidas para uma outra sala, os leitos de tratamento (macas cobertas por lençóis brancos), “onde recebem fluidos revigorantes, pela presença de generosos médicos e freis que lá permanecem, amealhando recursos no sentido de fortalecer os órgãos vitais, combatendo deploráveis enfermidades que atingem, normalmente, os centros vitais (TEXEIRA, 1997)”. Ligam o gravador, e ouve-se o som suave de músicas, e as pessoas vão relaxando, alguns chegam até a dormir. O tempo de permanência nesses leitos é de meia hora. Depois disso as pessoas são liberadas para o almoço, quem quiser almoça no refeitório da Casa, e há os que preferem fazer um lanche nas barraquinhas instaladas do lado de fora, onde um pequeno comércio começa a se formar atraído pela concentração de pessoas. Após voltarem do almoço, vão para um outro galpão, onde um palestrante se encarrega de falar sobre as coisas de Deus, citando mensagens de otimismo e fé, extraídas do *Evangelho Espírita* e também da *Bíblia*. Não há a intenção de converter ninguém, orientam aos frequentadores que levem consigo as suas crenças quando saírem dali. Essa rotina é feita por todos os frequentadores, até que o último tenha passado pelas salas de desobsessão e pelo leito. À medida que uma turma vai saindo, uma outra vai entrando. Dependendo do número de pessoas, esta rotina de desobsessão e de leito se prolonga até o fim da tarde. Todos devem passar por este ritual.

Por volta das quatorze horas cessa a palestra e todos ficam aguardando a chegada do Dr. Hansen. Os médiuns retiram-se para umas das salas e ajudam o Dr. Nelson a incorporar o espírito do Dr. Hansen. A essa altura, os pacientes que vão ser

operados já se encontram nas macas preparados para as cirurgias. As cirurgias foram recomendadas pelo Dr. Hansen, em uma visita anterior. O Dr. Hansen sai da sala de incorporação e é recebido de pé, com palmas e louvores, pelos frequentadores. Responde a todos acenando as mãos para o alto, ao que todos respondem do mesmo modo. Nota-se nos participantes um misto de sentimento, de admiração e respeito. O ambiente está impregnado de fé, é como se as pessoas estivessem vendo Jesus, pois acreditam que o Dr. Hansen seja um emissário de Deus. Começa-se então as cirurgias. Após as cirurgias, são poucas e previamente selecionadas, o Dr. Hansen atende um por um dos frequentadores. A primeira fila levanta-se e encaminha-se para o Dr. Hansen. Uma a uma, as pessoas vão passando e recebendo a receita juntamente com o tratamento das mãos do Dr. Hansen. Não é necessário que se diga o motivo que o levou até ali, qual o mal que lhe aflige. Pelo contrário, recomenda-se não falar com o Dr. Hansen para não atrasar o atendimento. Um simples olhar para a pessoa e o Dr. Hansen já está prescrevendo a receita. Este procedimento é justificado pela afirmativa atribuída a Jesus: “Vosso Pai sabe aquilo que tendes necessidade, antes que lho peçaís”. Assim, não é preciso dirigir a palavra ao Dr. Hansen, ele sabe, de antemão, o motivo da sua vinda e qual o tratamento necessário pra curá-lo. De posse da receita segue-se em fila para um outro salão, onde outros médiuns se encarregam de traduzir as receitas, marcar a próxima visita e recomendar o tratamento proposto. As receitas devem ser aviadas em farmácias homeopáticas de confiança do paciente. É nessa hora que se fica sabendo se será submetido a cirurgia no próximo retorno, a tratamento em casa ou a tratamento de leito, e quando será o retorno.

O tratatamento em casa consiste, quase sempre, de remédios homeopáticos e de repouso, por uma hora, às segundas feiras, das vinte e trinta às vinte e uma e trinta horas. Nesse período, a pessoa deve cobrir a cama com lençóis brancos, vestir roupas brancas, ou claras, deitar-se e relaxar, elevando os seus pensamentos a Deus. Recomenda-se manter conversações e vibrações positivas durante todo este dia, e alimentar-se de forma branda, sem carnes e frituras, não beber e não fumar. Durante este tempo, o Dr. Hansen e sua equipe estão reunidos na Casa da Fraternidade, orando por todos aqueles que foram atendidos na sexta feira, pedindo ao espíritos

que auxiliam os enfermos e realizem as cirurgias necessárias. Continuando a “maratona” do tratamento, seguem em fila novamente e vão para as salas de desobsessão pra tomar passes, sendo então liberados. Os primeiros a serem atendidos saem por volta das dezessete horas, hora em que começa a chegar o pessoal da própria cidade. Os trabalhos seguem até por volta das vinte e uma horas, podendo acabar antes ou depois, desse horário, dependendo do número de pessoas presentes. Como disse acima, a rotina é muito cansativa e como são pessoas que geralmente não se encontram em um bom estado de saúde é de se surpreender como elas aguentam todo esse tempo, sem contar o prazo das viagens. Tamanha resistência em pessoas com alguma enfermidade só pode ser explicada pela força da fé no tratamento a que irão se submeter.

As cirurgias feitas na Casa são bastantes rudimentares. Os materiais usadas são poucos e simples: tesouras, pinças, bisturis, gases e agulhas hipodérmicas. Os pacientes estão geralmente conscientes e, no entanto, apesar dos cortes profundos e das agulhadas também profundas (as agulhas utilizadas são agulhas comum de seringas, medindo 20 x 5,5 e 25 x 8) eles não apresentam sintomas de dores e os sangramentos são mínimos, não há sangramentos hemorrágicos. Nota-se uma certa apreensão por parte dos pacientes, mas as orações e o sentimento de fé superam esta. Antes de começar a cirurgia o Dr. Hansen abençoa o paciente, recomendando-lhe calma e fé. Ali, naquele lugar aberto, cheio de gente, as cirurgias são realizadas, a poucos metros das pessoas. O Dr. Hansen corta o paciente e ele não sangra, em seguida, retira algum tumor do paciente e mostra-o para a platéia. Logo depois, dá os pontos e fecha a ferida. Durante as cirurgias não se ouve gemidos, nem gritos dos pacientes, que possam denunciar um sentimento de dor. Em uma outra cirurgia, enfia tesouras pelo nariz ou pelos olhos do pacientes. É comum os pacientes queixarem-se de dor após as cirurgias com ou sem cortes, alguns dizem terem sentido dores horríveis. Nesses casos, o Dr. Hansen recomenda aos pacientes que tomem o analgésico de costume, até que as dores cessem. Uma câmera de filmagem acompanha tudo e as imagens são transmitidas ao vivo para três televisores espalhados pelos outros salões, para que as pessoas que estão mais distantes, possam assistir as cirurgias. A anestesia, assepsia e hemostasia são realizadas pela equipe

espiritual do Dr. Hansen, sem o auxílio de qualquer medicamento ou instrumento. Anestesia é o procedimento utilizado mediante aplicação de anestésicos, para que o paciente fique imune a dor. Assepsia é o conjunto de métodos que visam impedir a introdução de germes patogênicos no organismo. Hemostasia é o procedimento realizado com a finalidade de impedir que ocorra sangramentos durante a cirurgia. Essas três práticas são métodos utilizados pela medicina convencional, que demandam tempo, medicamentos, materiais como seringas, algodão, faixas, luvas, etc. E ali, todos estes procedimentos são realizados espiritualmente, sem que haja a necessidade de contato com o paciente.

Outro dado interessante, e que a ciência não consegue explicar, é a ausência de infecções nos cortes após as cirurgias. Enquanto que nos hospitais o risco é sempre grande de se contrair uma infecção hospitalar, mediante qualquer tipo de cirurgia, ali esse problema não existe. E isto, apesar das condições materiais e humanas não serem adequadas para esse tipo de tratamento, segundo os ensinamentos da medicina convencional. E não me parece mesmo ser o ambiente propício para qualquer tipo de cirurgia. Os salões estão cheios de gente, a maioria com problemas de saúde, todos respirando o mesmo ar e trocando os seus micróbios, além do fato do Dr. Hansen não utilizar luvas e máscaras. Constantemente vê-se alguém abanando as mãos por cima dos cortes, a fim de espantar os mosquitos.

Vimos, no primeiro capítulo, como os procedimentos de assepsia e profilaxia evitaram muitas mortes e foram os responsáveis pela afirmação das cirurgias no mundo ocidental. Entretanto não existe ali esta preocupação e as infecções não parecem ocorrer, ou melhor, as preocupações existem só que são de outro nível, de nível espiritual, e parecem produzir melhores resultados do que os tradicionalmente utilizados pela medicina. Um outro tipo de cirurgia realizada é a aplicação de dezenas de agulhas em algum local do corpo, com o objetivo de desmaterializar o processo da doença através do sangue. Não há cortes neste tipo de cirurgia. As agulhas utilizadas, já mencionadas acima, são fincadas no paciente, uma ao lado da outra, e também aqui não se nota dores por parte dos pacientes. Recomenda-se um repouso rigoroso após as cirurgias, de dias e às vezes de semanas, como se o paciente tivesse sofrido uma cirurgia convencional.

Além dessas cirurgias radicais, com corte e agulhadas, o Dr. Hansen realiza outras, menos agressivas e com iguais resultados. São as cirurgias espirituais feitas à distância, sem a utilização de medicamentos ou materiais e sem contato físico com os pacientes. Essas cirurgias são realizadas nos leitos da Casa da Fraternidade ou na própria casa do enfermo, sendo esta comunicada previamente para o doente, com as recomendações necessárias para a cirurgia, entre elas, a recomendação para o repouso e para a alimentação. Repouso absoluto por três dias, sentar e andar sem grandes movimentos e esforços durante o 4º dia ao 8º dia, e retirada dos pontos da cirurgia no 8º dia, seguindo o mesmo procedimento quando da realização da cirurgia, deitar-se no horário previsto e orar. A alimentação deve ser branda, sem frituras, carnes, frutas ácidas, conservas, pimentas, etc...; não beber bebidas alcólicas e não fumar. Argumentam que, embora não haja corte nem sangramentos visíveis, as cirurgias foram realizadas pelos espíritos e, como qualquer operado, a pessoa precisa de um tempo para se recuperar. Pacientes operados dessa maneira garantem sentir um gosto de sangue na boca, formigamentos e uma sensação de corte e dores nas partes onde, supostamente, foram realizadas as cirurgias. Em caso de dores, vale a mesma recomendação para as cirurgias com corte, ou seja, o uso do analgésico de costume.

Como testemunho dessas cirurgias e de sua eficácia, acompanhei dois casos muito próximos. Um foi o meu pai, operado para retirada de pequenas pedras nos rins, diagnosticadas através de sintomas e de radiografias. Apesar do sucesso obtido, ele não sabe se o atribue ao tratamento espiritual, ou a receita dada pelo médico, de beber bastante água com gás ou com uma pequena dose de bicarbonato. O certo é que, após a cirurgia espiritual e o repouso (uma semana em casa sem fazer exercícios) e, também, após várias garrafas de água gaseificadas, as pedras desapareceram. O médico ficou surpreso pelo desaparecimento das pedras em tão pouco tempo. Outro caso foi o de um amigo que, infectado com o vírus HIV, contraiu uma herpes na boca, que já estava tomando quase todo o rosto e que os medicamentos não conseguiam conter. No dia seguinte, após uma cirurgia espiritual, realizada em sua casa, a herpes desapareceu. A herpes voltou dentro de mais ou menos um mês, porém com menor intensidade. Apesar do retorno da doença foi impressionante o

efeito no dia seguinte ao da cirurgia espiritual. A herpes simplesmente desapareceu, de uma hora para outra, sem que os médicos pudessem explicar a razão do súbito desaparecimento. Este amigo faleceu seis meses depois, mas foi impressionante o modo como ele lidou com a doença após as sessões de tratamento com o Dr. Hansen. Não se deixou abater, ao contrário de antes do tratamento e, só parou de trabalhar quando a doença realmente não lhe permitiu, poucos dias antes de sua morte.

Outros casos de curas realizadas pelo Dr. Hansen, foram obtidos através de várias entrevista com pessoas que frequentam ou frequentaram a casa. Um caso interessante foi o da Sra. Fátima Fujishina. Sentindo fortes dores na coluna, e já sem conseguir caminhar direito, procurou um médico neuorologista que, após vários remédios, tomografias e fisioterapias, decidiu pela operação de hérnia de disco. Os tratamentos propostos não estavam tendo resultados, a paciente sentia fortes dores e não conseguia mais caminhar. A operação transcorreu tranquila, mas o processo de recuperação era bem penoso, incluía quarenta e dois dias sem se levantar da cama, três meses sem andar, e a impossibilidade de realizar as tarefas normais de dona de casa pelo resto da vida. Após o período de repouso, o tratamento prosseguiu com exercícios de natação. Dois meses depois de iniciada a natação, as dores voltaram. Retornando ao médico, este decidiu por uma nova operação. Não satisfeita com o médico e com os resultados do tratamento, a Sra. Fujishina resolveu ir para Brasília-DF, sendo de pronto desaconselhada pelo seu médico. Uma viagem naquele estado, comprometeria a sua coluna mais ainda. Mas ela teimou e viajou. Lá chegando, conseguiu ser atendida no Hospital Sarah Kubitscheck, um dos maiores centros para tratamento de doenças ortopédicas da América Latina. O diagnóstico foi o mesmo, era necessário uma nova cirurgia para a colocação de uma placa de metal na coluna, na altura da 3ª e 5ª vértebra. O período de recuperação, após esta cirurgia, seria de 120 dias de leito, e os médicos não davam garantias de que ela voltaria a ter uma vida normal. Desanimada, a Sra. Fujishina retornou para sua cidade (Araguari-MG). Ali foi aconselhada por amigos a procurar o Dr. Hansen. E foi o que fez! A esta altura dos acontecimentos, ela já estava desesperada. Não sabia mais o que fazer e resolveu se consultar com o Dr. Hansen, como uma última esperança de se livrar de seu problema. Quando de sua ida à Casa da Fraternidade, já foi de cadeira de rodas,

e cumpriu todo o ritual deitada em uma maca. Ao passar pelo Dr. Hansen, segurou em sua mão e pediu desesperada: “ Pelo amor de Deus, me ajude !”. Dr. Hansen disse que a curaria, e marcou a sua cirurgia para dali a uma semana. A cirurgia foi feita com a aplicação de cinquenta agulhas em sua coluna vertebral, sendo-lhe recomendado repouso por três meses. Ela ainda foi submetida a uma segunda operação, só que desta vez em casa, sendo esta realizada pelos espíritos comandados pelo Dr. Hansen. Hoje, passado dez meses após a primeira cirurgia, a Sra Fujishina, leva uma vida normal, sem dores, e trabalha como voluntária na Casa da Fraternidade. Perguntada sobre o que a curou, a Sra Fujishina foi categórica ao afirmar: “ Foi a fé em Deus, pois sem a fé em Deus não se consegue nada. ”

Em uma outra entrevista, desta vez com o Sr. Schimitt, ouvi mais um relato de cura excepcional realizada pelo Dr. Hansen. Conta o Sr. Schimitt que, há pouco tempo, sofreu um enfarte e a única solução para o seu problema era um transplante, segundo vários médicos especialistas em doenças do coração. Passando muito mal, mas, relutante em submeter-se à cirurgia de transplante, ouviu de um amigo a recomendação para procurar o Dr. Nelson Teixeira, em Uberlândia-MG, pois que este aplicava tratamentos homeopáticos de muitos bons resultados. O Sr. Schimitt seguiu o conselho de seu amigo e viajou de Cascavel-PR, onde morava, para Uberlândia, indo consultar-se com o Dr. Nelson. A primeira recomendação dada pelo Dr. Nelson, contrariando todas as outras até então, foi a de que não parasse de fumar. Diminuiu o consumo, mas parar não. Fato que causou estranheza no paciente, mas que seguiu à risca. Em seguida, após medicá-lo, sugeriu-lhe que fosse na Casa da Fraternidade para ser tratado em conjunto com o Dr. Hansen. E assim fez ! O Dr. Hansen marcou a cirurgia, que seria feita na própria casa do paciente, recomendando-lhe repouso após o dia marcado para a cirurgia. Antes de ir à Casa da Fraternidade para tratar-se, o Sr. Schimitt não conseguia andar dez metros sem sentir falta de ar e um aperto no coração. Hoje, alguns meses após o tratamento, caminha normalmente cerca de seis quilômetros por dia. Perguntado a que atribui a cura, disse: “ É preciso ter fé em Deus. ”

Casos como estes são comuns e acredito não precisar me alongar, citando mais exemplos. A Casa está organizando um grande arquivo, com fitas de vídeo,

fotos, e entrevistas de pessoas que se submeteram aos tratamentos e obtiveram resultados, juntamente com toda a documentação que acompanhou o caso: radiografias, exames, laudos médicos, obtidas na fase de diagnósticos das doenças, e a mesma lista de documentos comprovando as curas. Pessoas que não andavam e voltam a andar, que não enxergavam e voltam a ver, que sofriam de câncer e se curaram, e outras variadas curas. Este arquivo, sem dúvida nenhuma, representa uma valiosa fonte de estudos para todos aqueles que se interessarem pelo assunto.

Acompanhei pessoalmente uma caravana, com cerca de cinquenta pessoas, de níveis sociais, idades e credos diferentes (com exceção dos crentes, que não aceitam de forma nenhum a presença de espíritos na terra), e todas afirmaram que obtiveram, ou estão obtendo melhoras em sua saúde, com a ajuda do Dr. Hansen. E todas conhecem alguém que se curou totalmente. Também foram unânimes em creditar essa melhora à fé de cada um. A maioria das pessoas já havia passado por tratamentos diversos sem obter resultado e, recorreu ao Dr. Hansen como uma última esperança. Fato que me pareceu ser bem comum na maioria dos frequentadores. Mas, há também, os que também procuram a Casa antes de se consultar com os médicos. Geralmente são pessoas que já passaram por estes tratamentos ou, que vão ali somente na intenção de orar e de receber os passes, a fim de revigorar as energias. Durante as minhas entrevistas, não encontrei nenhum caso em que a pessoa não tenha sofrido melhoras com o tratamento ministrado pelo Dr. Hansen. É preciso levar em conta que os entrevistados foram pessoas que estavam frequentando a Casa naquele momento, seja para obter alguma cura ou para agradecer a cura recebida. Portanto, este dado, não pode representar a confirmação de que todas as pessoas submetidas ao tratamento irão ter sucesso.

O resultado do tratamento, segundo a doutrina espírita, depende da fé e do merecimento de cada um. Os espíritas acreditam que algumas doenças possam ser a manifestação de vidas passadas (doenças cármicas). Assim, falhas cometidas em vidas anteriores, em uma outra encarnação, manifestam-se nesta, e fazem parte do processo evolutivo da alma, sendo, portanto, necessárias para que se cumpra todo o ciclo. Se a pessoa praticou o mal e o retorno não ocorreu na mesma encarnação, poderá acontecer em uma encarnação futura. Léon Denis explica em seu livro, *O*

Problema do Ser, do Destino e da Dor, que o sofrimento é necessário para o ressarcimento de faltas cometidas : “ Tudo se resgata e repara pela dor.” Assim, o sofrimento pode constituir uma oportunidade para o aprimoramento espiritual do ser. Entretanto, não é dado ao ser humano uma existência de sofrimentos. Ele pode, através da fé , do amor fraterno, da caridade e das preces, amenizar as suas doenças e os seus efeitos. Tudo é possível para aquele que acredita na misericórdia de Deus. Diante das curas espirituais, não se sabe porque alguns curam, enquanto outros não. As curas dependem das bençãos de Jesus sobre os pacientes e do merecimento de cada um. Se a pessoa não possui fé o suficiente, mesmo assim ela poderá ser curada, podendo também acontecer o contrário. “ Todas as criaturas reúnem esforços no sentido de se evitar a dor, e de encontrar a felicidade. Assim sendo, não importa se têm ou não fé, quando aproximam-se do Dr. Hansen, Ele, como Ser Divino que é, acolhe a todos e auxilia naquilo de que necessitam. Pela interferência de São Francisco de Assis e Dr. Hansen, junto a Jesus, elas também podem curar-se”, declarou a Sra. Zahia, para este trabalho.

Sendo o Dr. Nelson uma pessoa bastante ocupada, infelizmente não me foi possível realizar uma entrevista com o mesmo. No entanto, acho que o trabalho não ficou de todo prejudicado, já que, através de seus livros, de entrevistas publicadas, de declarações de sua esposa Zahia e de seu filho Marcílio, pude conhecer um pouco de sua pessoa. O Dr. Nelson é uma pessoa íntegra, bastante religiosa, um bom pai de família e um profissional muito competente, pautando as suas ações pela caridade e amor ao próximo. Dr. Nelson conta que, segundo informações que recebeu do Dr. Hansen, estava sendo preparado para esta missão há mais de trinta anos e, que na órbita do perispírito (lugar onde o espírito se encontra, aguardando a sua forma material) já estava pronto, faltando, no entanto, a órbita material, quanto a sua resistência física para os desenvolvimentos dos trabalhos. Assim, a sua vocação para medicina não foi uma simples coincidência. Era necessário o seu aprendizado pois que isso facilitaria a comunicação com o Dr. Hansen, quando da ajuda aos pacientes. A sua receptividade mediúnica é facilitada em razão da sua experiência como médico; as instruções recebidas pelo Dr. Hansen se tornam mais claras. Quanto aos métodos utilizados, Dr. Hansen informou que ainda não é possível ao homem a

sua compreensão. Somente daqui a uns cem anos é que lhe será permitido compreender os fenômenos das curas espirituais.

Pedi a Sra. Zahia que perguntasse ao Dr. Nelson se ele não via contradição entre a sua formação acadêmica e os trabalhos realizados na Casa da Fraternidade. Segundo ela, o Dr. Nelson não vê contradições em conciliar o seu trabalho com a sua mediunidade, não há concorrência entre a medicina convencional e o tratamento espiritual. Quando atende um paciente, a sua primeira preocupação é a de auxiliá-lo, e isto ele faz através de seus conhecimentos médicos e de sua experiência espiritual. “ Entendo que o exercício da medicina é um sacerdócio que me capacita tratar dos doentes, sem contudo ter a pretensão de curá-los”, declarou o Dr. Nelson à *Revista Dystak's*, em entrevista realizada em Maio de 1997. Disse ainda que: “ Não obstante a sublimidade da Medicina e a nobreza de muitos missionários, nessa área de atividade que se entregam ao sagrado labor de procurar aliviar todas as dores, a saúde humana não depende tão somente de produtos químicos, ela é relativa a própria personalidade do doente e do ambiente em que ele vive. Com Deus no leme, marchamos para uma época de crença firme que redime e consola, derramando bênçãos sobre todas as feridas, curando e balsamizando as chagas de nossas almas e aparando para sempre todas as arestas que trazemos do passado sombrio.... As verdadeiras curas espirituais são aquelas que realizam uma transformação na alma do homem. É um acender de luz no seu próprio íntimo, de maneira a superar, com coragem, as provações que lhe trouxe a esse mundo ”.

Outra pergunta que pedi a Sra Zahia que fizesse ao seu esposo foi quanto a real necessidade dos remédios e das dietas ministradas nos tratamentos. A resposta foi: “ remédios homeopáticos são pura energia , atuam no perispírito da pessoa; sua cura se faz de dentro para fora e, como o ser é matéria, necessita ser tratado. As dietas tornam-se necessárias para que a alimentação inadequada do homem não interfira na sutileza dos tratamentos, ficando assim, o indivíduo mais receptivo ao que o Dr. Hansen possa lhe oferecer”. A prática da homeopatia parece ser comum aos médicos espíritas e, de acordo com o Dr. Nelson, “Não há porque duvidar que, no futuro ela venha ocupar um lugar de vanguarda, dando assim sua grande contribuição como legítima fonte terapêutica”.

Pelo que se percebe de suas declarações, Dr. Nelson parece não conceber a medicina fora das suas interações com o meio, o que é próprio aos adeptos da homeopatia, como também não concebe as curas sem passar pela esfera do sagrado, o que é próprio aos espíritas. Sendo assim, compreende-se a sua neutralidade no que se refere as disputas acadêmicas sobre tais métodos. A sua convicção religiosa, aliada à sua formação acadêmica, não gera conflitos internos, e sim auxiliam em sua missão de levar esperança e alívio para os que sofrem.

A Casa da Fraternidade São Francisco de Assis, através do Dr. Nelson e sua equipe, e do Dr. Hansen, aliando religiosidade com práticas médicas, realiza inúmeras curas (sendo que algumas pessoas já haviam sido desenganadas pelos médicos), proporcionando esperança e alívio para os que sofrem. Como as curas ocorrem ? Que práticas são estas, que não podem ser explicadas à luz da razão ? Estas são perguntas para qual ainda não se obteve resposta. E nem era esta a pretensão desse trabalho. Cabe aos homens das ciências estudá-las e, se possível, descobri-las. E, se não for possível, aceitá-las, simplesmente pelo fato de que elas ocorrem!

CAPÍTULO 3

O PODER CURATIVO DA FÉ

A RECONCILIAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO

A medicina e a religião sempre estiveram presentes na vida da humanidade, buscando sempre um mesmo objetivo, ou seja, o de proporcionar maior conforto aos homens. Se é verdade que uma atua no campo físico (organismo) e a outra no campo do psique (espiritual), vimos no decorrer do primeiro capítulo que, muitas vezes na história, essa divisão não se fez sentir tão nitidamente. A medicina utilizou-se da religião como a religião, por sua vez, também utilizou-se da medicina, nos variados e possíveis processos de curas através dos tempos. E se, por algumas vezes, uma tendeu a subjugar a outra, foi devido a fatores históricos, de crise de uma ou de outra. Mas, temos que manter em mente que o objetivo sempre se fez sobressair, que é o de tentar fornecer respostas às angústias humanas. Na Pré-história, essa junção esteve fortemente presente; na era Clássica, apesar dos avanços alcançados, a medicina não conseguiu se desvincular de todo misticismo; na Idade Média, a Igreja, como única instituição organizada num momento de desagregação de toda uma sociedade, encarregou-se de propagar a fé e também de curar os doentes através de rezas e práticas médicas rudimentares. Foi a partir da Idade Moderna, quando os cientistas começaram a descobrir respostas que contradiziam o pensamento religioso da época, que começou o cisma entre a religião e as ciências em geral. Para enfrentar os cientistas hereges, a Igreja criou a Santa Inquisição. As duas vítimas mais famosas dessa batalha foram os astrônomos Galileu Galilei (1564-1642), condenado a prisão domiciliar, e Giordano Bruno, queimado na cruz pela Inquisição, por defenderem o sistema heliocêntrico. Já o cisma entre religião e medicina parece ser mais recente, fins do século XVIII e início do século XIX, quando a ciência médica aliada à tecnologia passou a desvendar os mistérios do corpo humano, reconhecendo a sua estrutura e funcionamento, tratando os organismos como máquinas, separando em extremidades opostas a razão e as emoções. Nesse momento, os cientistas julgaram não mais precisar recorrer ao mistério, ao divino, para fornecer explicações aos

homens sobre a sua origem, sobre o que os fazem adoecer, o que define nossas características, e muitas outras. Houve uma grande confusão nessa época devido a este cisma. As pessoas se sentiram obrigadas a optar pela religião ou pelas ciências, se a pessoa se contentava com as teorias da Igreja era religiosa e tinha fé, se acreditava nas explicações científicas era considerada ateu, herege. Os cientistas acreditavam que para serem levados a sério deveriam zombar da fé, da crença no sobrenatural. Enquanto isso, a população comum acreditava que dar ouvidos às explicações dos cientistas significava um distanciamento de Deus, e de sua própria fé. Este pensamento perpetuou-se até nossos dias, mas começa a ser desmontado.

A medicina ocidental deve primeiramente a René Descartes (filósofo francês do séc. XVII) esta separação, por ter sido ele o primeiro a sugerir que o corpo não precisava da mente para funcionar, ressaltando o respeito pelas qualidades mecânicas do corpo, enviando a fé e a razão para extremidades opostas, fazendo com que os médicos voltassem as suas atenções para os órgãos e suas funções, negligenciando os aspectos psicológicos, sociais e ambientais das doenças. A microbiologia (séc. XIX) foi outro importante fator que contribuiu para a separação entre religião e medicina. Ao tentar reduzir as causas das doenças aos diversos micróbios que pairavam no ar, a medicina tornou-se essencialmente materialista, e os médicos somente contemplavam a cura através de remédios alopáticos, das dietas e das intervenções cirúrgicas.

Durante todo o século XX, os cientistas e os grandes pensadores se esforçaram ao máximo em apresentar elementos racionais que nos dirigiam para um mundo mais materialista e menos espiritualista, mais racional e menos emocional. Buscaram explicação para quase tudo. Inventaram aparelhos maravilhosos, viajaram pelos espaços, clonaram animais, enfim tentaram nos convencer que tinham explicação e solução para todos os problemas propostos e que o sobrenatural não existia, afastando as pessoas das religiões e de suas crenças, tornando-as mais céticas em relação a Deus, e a tudo aquilo que não pudesse ser explicado de forma racional. “Muitos fatores contribuíram para tornar este século distante de Deus. As ciências ao explicarem desde os fenômenos da natureza até a evolução das espécies, além de formular hipóteses plausíveis para a origem do universo,

invadiram espaços que, sendo de mistério, milernamente pertenciam à jurisdição das religiões. Ao enumerar os pensadores de maior influência neste século, deparamos com uma coligação anti-Deus: Karl Marx, para quem a religião era o ópio do povo; Sigmund Freud, que considerava a fé uma manifestação do infantilismo; Charles Darwin, que, em lugar da prodigiosa moldagem de Adão a partir do barro e de um sopro nas narinas, nos ofereceu como ancestral a miséria de um macaco; Friederich Nietzsche, que teve a ousadia de decretar a morte de Deus.... A injustiça e a barbárie são outros elementos que, em nosso século, contribuíram para o nossso afastamento de Deus....” (TOLEDO, 1997). O materialismo, o racionalismo e as descobertas científicas nos levaram para um mundo de individualismos, de grandes agitações, de inúmeros afazeres, onde ficou difícil arranjar tempo para a contemplação e a comunhão com Deus, e para dar vazão a nossos sentimentos. A este respeito Marthin Luther dizia: “ A razão é a maior inimiga da fé, ela nunca chega para auxiliar os assuntos espirituais, mas - mais frequentemente do que o contrário - luta contra o Verbo divino, tratando com desprezo tudo o que emana de Deus ”(____ apud BENSON, 1997).

Se é certo que as ciências nos apresentaram muitas verdades sobre os mistérios da vida e do mundo, também é certo que muitas questões não foram respondidas a contento, deixando espaços para as explicações dogmáticas das religiões. O mesmo se verificou na área médica. Os cientistas e os médicos nos fizeram acreditar que as enfermidades só podiam ser combatidas através de seus métodos. Perdemos a nossa fé em qualquer outro tipo de tratamento que não esteja calcado nas drogas produzidas em laboratório, nas cirurgias e nos tratamentos químicos. Quantas vezes tivemos que aguentar os ares de deboche de um médico, quando dizíamos que tínhamos tomado algum chá caseiro, ou aplicado algum ungüento, aprendido com nossos antepassados sobre machucados, na intenção de nos curarmos ? O que dizer então se procuramos métodos alternativos de cura, como a homeopatia, a acupuntura, centros espíritas, etc... ? A maioria dirá que estamos perdendo tempo, que se esses métodos produzem algum efeitos são o de mascarar as doenças, não desaparecendo com a causa do sintoma, fazendo com que elas retornem cada vez mais fortes. Cartesiana ao extremo, a medicina demorou a perceber as

coligações entre o cérebro e o corpo, entre as emoções e os seus efeitos sobre o organismo.

No entanto, vimos no capítulo anterior as pessoas creditando sua cura ao fator fé, a um tratamento totalmente fora dos padrões acadêmicos. Quando perguntadas sobre o que as curou, se foi o Dr. Hansen ou a fé, responderam ser a fé imprescindível para a cura. Dr. Hansen alega que cura pela misericórdia de Deus. Aos cientistas mais céticos, tais afirmações podem causar estranheza, pois não creditam curas com base na fé ou em intervenções divinas, e sim, em métodos cientificamente comprovados, e não há nada tão não científico quanto a fé. A posição dessas pessoas, inclusive da maioria dos profissionais da área médica, especificamente em relação às curas espirituais, é de que de fato as doenças não existiam, houve um erro do diagnóstico, houve uma remissão espontânea da doença, ou qualquer outro fator que não tenha que necessariamente recorrer ao fator fé para se justificar. Entretanto, pesquisas recentes tem cada vez mais corroborado este fato: a fé é um importante aliado nos tratamentos. Pesquisadores da área médica, principalmente norte americanos, dedicam-se com afinco a esta árdua tarefa de provar que a fé exerce um importante papel nos diversos processos de cura. Indo contra ao pensamento médico de sua geração, tentam estabelecer relações entre a fé, mente, corpo, e saúde.

A ciência hoje tem conseguido provar que a fé realmente auxilia a cura. Na reportagem "Uma droga chamada esperança" publicada pela *Revista IstoÉ*, em Junho/98, encontramos uma destas pesquisas: "Dale Matthews, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas para os Cuidados da Saúde, de Rockeville, nos Estados Unidos, catalogou 325 estudos que examinam essa relação e os efeitos das crenças na cura de doenças. E o resultado foi surpreendente. Matthews, que costuma rezar com os pacientes em seu consultório, concluiu que 75% das pesquisas mostram uma conexão positiva. Ou seja, a fé tem mesmo papel importante na cura. Um desses estudos foi feito em 1995 pela equipe do psiquiatra Thomas Oxman, da Faculdade de Medicina de Dartmouth, nos Estados Unidos. O pesquisador queria descobrir qual a influência que sentimentos e práticas religiosas poderiam exercer sobre um grupo de 232 pacientes com mais de 55 anos que se submeteriam a uma cirurgia no coração.

Oxman chegou a um resultado intrigante: a taxa de mortalidade foi três vezes maior entre os descrentes. Outra pesquisa com 30 mulheres que se recuperavam de fraturas mostrou que as mais descrentes não só conseguiam andar mais rápido como também apresentavam menores taxas de depressão” (WEIS, CÔRTEZ, PEREIRA, 1998). Esta última pesquisa foi coordenada pelo Dr. Peter Pressman e seus colegas da Northwestern University Medical School. Continuando na mesma reportagem, o Dr. Hebert Benson, professor da Faculdade de Medicina de Harvard, nos Estados Unidos, informou que os avanços sobre esse assunto têm evoluído muito nesses últimos cinco anos, constatando que algum tipo de crença aumenta a sobrevivência de pacientes em até 89% dos casos. O cardiologista e geriatra carioca, Valter Rifer, afirmou, também para a mesma reportagem que, de fato, o que se percebe é que há uma incidência maior de cura das pessoas que acreditam que ela possa ocorrer. Pensamento igual vamos encontrar em Galeno (131-201), que dizia: “Curam-se mais os que mais confiam”(GALENO apud LOPES, 1970). Outro “sintoma” de que a medicina está tentando rever os seus conceitos está em uma recente recomendação do National Institute of Health, nos Estados Unidos, sugerindo aos seus membros a prece e os tratamentos espirituais, como passes ou toque pelas mãos para complementar tratamentos médicos. A expectativa de que a crença traz benefícios para a saúde física também é compartilhada pelo Dr. Jeffrey S. Levin, da Eastern Virginia Medical School. Em um artigo de 1994, publicado no boletim *Social Science and Medicine* escreveu: “A mera crença de que a religião ou Deus faz bem à saúde pode ser suficiente para produzir efeitos salutares. Isto é, associações significativas entre dimensões religiosas e saúde... podem apresentar evidências análogas ao efeito placebo. Várias escrituras prometem saúde e cura pela fé e os efeitos fisiológicos de crenças expectantes como estas estão sendo agora documentadas por pesquisadores do corpo e da mente.”

Esta preocupação com os efeitos das crenças sobre a saúde não é tão recente assim, como se poderia pensar. Em 1910, um dos pais da medicina americana, o Dr. William Osler, escreveu um artigo para o *British Medical Journal* em resultado da inquietação causada no meio da classe médica devido ao crescente número de curas realizadas por grupos espirituais. Nesse artigo, Osler reconhece o valor da fé na

práticas medicinais, dizia ele: “ A fé é na verdade um dos milagres da natureza humana que a ciência não apenas está pronta para aceitar como também disposta a estudar os seus maravilhosos efeitos... A fé sempre foi um fator fundamental na prática da medicina. Minha experiência tem sido a daquele que cura inconscientemente, e não deliberadamente pela fé.”

[Diante de tantas afirmações e pesquisas, a ciência médica não tem mais dúvidas de que a fé é um fator importantíssimo nos processos de cura.] O que se procura agora é saber como este sentimento atua em nosso organismo. Uma nova área da ciência, a psiconeuroimunologia é a responsável para tentar esclarecer as conexões entre as emoções e o corpo. O que já se descobriu até agora é que as emoções são processadas no cérebro pelo sistema límbico (conjunto de núcleos onde são avaliadas as emoções). A partir daí, elas passam por um extenso circuito cerebral que acabará resultando em uma cascata de hormônios, que irão fortalecer o organismo. A *Revista ISTOÉ*, na reportagem já citada (Uma droga chamada esperança), traz um quadro que tenta mostrar de modo simplificado os efeitos das crenças em nosso organismo. Vejamos:

“A) A fé e os pensamentos são avaliados no primeiro momento no sistema límbico, conjunto de núcleos cerebrais associados às emoções.

B) Em seguida, a informação é transmitida para o córtex, onde ela será elaborada pela razão e pela consciência. É aqui que o cérebro analisa intelectualmente do que se trata a informação e como será a reação.

C) A informação é devolvida para o sistema límbico e enviada para o tálamo, uma espécie de coordenador de toda a estimulação que entra e a resposta disparada.

D) Do tálamo a informação segue para o hipotálamo, onde serão produzidas substâncias que ativarão a glândula hipófise.

E) A glândula fabricará hormônios que agem sobre o sistema nervoso central e sobre o sistema imunológico, responsável pelas defesas do organismo. Ainda não se sabe exatamente quais os hormônios que são produzidos em maior quantidade a partir de um estímulo de fé ou pensamento positivo, mas, pela boa resposta do corpo, supõe-se, obviamente, que sejam aqueles ligados ao reforço do sistema imunológico ou aqueles ligados à sensação de prazer, bem estar, como a endormorfina e a

serotonina. Essa descarga hormonal fortalece o organismo para lutar contra as doenças.”

Outra pergunta para qual os cientistas procuram uma resposta é, “porquê temos fé?”. Diante de tantos ataques sofridos pelos cientistas e filósofos deste século, já é quase um milagre que as pessoas ainda conservem o sentimento de fé em algo sobrenatural. Uma das respostas pode estar no livro da Dr. Karen Armstrong, *A História de Deus*, onde ela diz que: “O estudo da religião revela que os seres humanos são animais espirituais. De fato, pode-se argumentar que o *Homo Sapiens* é também o *Homo Religiosus*. Os homens e mulheres começaram a cultuar os deuses tão logo se reconheceram enquanto seres humanos.” O Dr. Hebert Benson tem uma teoria, na qual diz que: “somos equipados para Deus”. Trazemos dentro de nós genes que nos predispõe à contemplação do mistério.

Associar Deus a genes pode parecer um pouco complicado, entretanto carregamos uma enorme carga cultural de crenças, que vem desde os primórdios da raça humana, como já demonstrado no 1º capítulo, o que pode ter se transformado em um código genético, sendo transmitido de geração em geração; mas esta é uma área recente do conhecimento, e estudos ainda poderão comprovar a validade ou não dessa teoria. A fé seria um instinto natural, como nossos instintos de lutar ou fugir. “Independente da existência de Deus, nossos genes garantem que teremos fé e que nossos corpos serão tranquilizados por acreditarem em alguma antítese à mortalidade e à fragilidade humana” (BENSON, 1997). Diante da inevitabilidade da morte, os seres humanos procuram um significado melhor e mais nobre para a vida humana, e quando o fazem suas mentes parecem tomar uma única direção, a de que alguma força misteriosa rege as leis gerais do universo. Muitos chamam esta força de Deus.

Nesse final de século, estamos convivendo com uma volta à espiritualidade, as pessoas estão cada vez mais procurando encontrar razão para as suas vidas, e buscam essas respostas na religião e, conseqüentemente na fé. Uma outra pesquisa encomendada pela *Revista Veja*, na reportagem “Crer em Deus, O que é isso hoje”, nos revela que 99% dos entrevistados responderam “sim” à pergunta: “Você acredita em Deus?”. Uma outra pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Gallup, nos Estados Unidos, 95% dos entrevistados diziam acreditar em Deus. O que

significa que, pelo menos nesses dois países, a fé e a crença em algo sobrenatural permanece muito forte no imaginário das pessoas. Cresce a “olhos vistos” os diversos cultos espalhados pelo mundo, arrebanhando cada vez mais fiéis. Continuando na mesma reportagem, vamos encontrar ao fim a resposta para essa fé incessante e crescente que nem os cientistas nem os pensadores conseguiram abalar: “... Apesar de todos os progressos da ciência, e de toda liberdade para conjecturar, não há resposta humana ainda para as perguntas cruciais a respeito de onde viemos, para onde vamos, e o que fazemos aqui.” A presença de Deus na vida das pessoas, independente de sua convicção religiosa, torna essas perguntas mais suaves, menos angustiantes. Deus, é “algo”, que ainda está bastante enraizado na cultura popular, e é a Ele que se recorre na procura de soluções para problemas diversos, enfrentados no dia a dia, e para os quais não se encontram respostas. Assim, no caso de alguma doença grave acometer uma pessoa, depois de esgotadas todas as tentativas médicas de cura, esta pessoa recorre então à Deus, e passa a procurá-Lo em todas as religiões, em todos os lugares que possa encontrá-lo, a fim de pedir-lhe a graça da cura.

Mas, mais do que tentar explicar como a fé age em nosso organismo, e porque temos fé, o que a ciência e os cientistas vêm demonstrando, nesse final de século, é uma forte tendência à espiritualidade. Na cultura acadêmica pós-moderna, muitos cientista ainda pensam que para ser levados a sério devem zombar de Deus. Mas este fato está mudando. Na reportagem “O Papa da Ciência” (*Revista Veja*, 1997), encontramos esta confirmação: “Uma pesquisa feita em 1997 pela Universidade de Geórgia, Estados Unidos, revelou que 40% dos físicos e biólogos, americanos e ingleses, entrevistados revelaram possuir crenças espirituais. Outros 45% não acreditam no Deus especificado no questionário, mas dizem ter ligação com algum tipo de divindade. Apenas 15% eram agnósticos. Não é à toa que os escolhidos para a pesquisa sejam físicos e biólogos. Enquanto os primeiros investigam os limites da matéria e do universo, os outros cuidam do que a Igreja acreditava ser obra exclusiva de Deus: a vida” (GODOY, 1997).

Continuando na mesma reportagem, iremos obter outras provas de que a ciência está, realmente, mudando os seus conceitos em relação a religião, como : o

lançamento do “Programa de Diálogo com a Religião”, em 1997, pela Associação Americana para o Progresso da Ciência; a criação do Centro de Religião e Ciência de Chicago, e do Centro de Teologia e Ciências Naturais da Universidade da Califórnia. Segundo a *Revista Science*, uma publicação dos feitos científicos, nunca se falou tanto em Deus, como ultimamente. O ganhador do Nobel de 1964, o físico Charle Townes, pela criação do raio laser, escreveu em seu livro *Making waves* (Fazendo ondas), que ciência e religião não são forças opostas, “Nenhuma religião que está ancorada no mundo ocidental pode se dar ao luxo de ignorar a ciência... Porém a ciência não pode se dar ao luxo de ignorar Deus”(____ apud GODOY,1997). Ainda, segundo Townes, cientistas e religiosos estariam entrando num ciclo de reconciliação porque enfrentam questões difíceis e ainda sem respostas, como, “o que criou o universo?”, ou “devem-se clonar humanos?”. O também físico britânico, o conhecido anti-religioso Stephen Hawking, em seu livro *Uma breve História do Tempo* (1988), aposta que o estudo do Big Bang (explosão que criou o universo) poderá revelar a mente de Deus. Pensamento parecido com o de um dos maiores físicos deste século, o alemão Albert Einstein, que nos anos vinte combateu a teoria da física quântica de que fatos aleatórios teriam possibilitado a criação do universo, dizia ele: “Deus não joga dados!”(____ apud GODOY,1997). Parece que os cientistas, em fins do século XX, estão finalmente confirmando a teoria do biologista Louis Pasteur, quando, ao final do século XVIII, declarou que: “Um pouco de ciência afasta os homens de Deus, muita ciência os conduzem de volta a Ele!” (____ apud Oursler, 1997).

O movimento na religião, de reaproximação com as ciências, também se fez sentir, principalmente na religião católica, que foi uma das mais têmeveis combatentes da ciência de todos os tempos. O Papa João Paulo II vem tentando diminuir o abismo que há mais de quatro séculos separa religião e conhecimento científico. Em 1996, num anúncio oficial da Pontífica Academia de Ciências do Vaticano, uma entidade que assessora o Papa em assuntos não religiosos, João Paulo II se encarregou de declarar que a teoria da evolução de Charles Darwin (1859) é mais do que uma hipótese. O que significa que a Igreja agora aceita a teoria de que o homem descende do macaco, ao invés de ter sido gerado por um ato Divino, desde

que, se concebia a participação de Deus no momento da implantação da alma no ser humano. “A idéia de que a teoria da evolução contrariava as escrituras era muito ignorante... O gênesis foi escrito como um mito da criação baseado na idéia que o povo daquela época fazia de Deus”, declarou o padre Paul Schwiezer, da PUC do Rio de Janeiro, para a reportagem “O Papa da Ciência”. Outro aceno de aproximação dado pelo Papa foi a formalização do tardio perdão ao astrônomo Galileu Galilei, condenado por contrariar a tese da Igreja de que a Terra era o centro do universo. Ninguém duvida que, em pleno século XX, a Igreja ainda mantivesse estes conceitos como verdades. Porém, coube ao Papa João Paulo II a oficialização dessas descobertas para os seus fiéis, preparando-os para a nova era que se aproxima, através da reconciliação entre a ciência e a religião. A negação de descobertas incontestáveis da ciência servia mais para desmoralizar a Igreja do que para fortalecer a fé. “A ciência pode purificar a religião do erro e da superstição. A religião pode purificar a ciência da idolatria e do falso absolutismo. Cada uma pode conduzir a outra para um mundo mais amplo, onde possam florescer”, declarou o Papa João Paulo II (Revista VEJA, O Papa da Ciência, 1997).

Diante de tantas evidências de que a fé cura, ou na pior das hipóteses, auxilia nos processos de cura, e da recente tentativa de reconciliação entre religião e ciência, incluída aí a medicina, creio que esta é uma combinação altamente positiva devendo, portanto, ser incentivada pelas esferas oficiais, a fim de proporcionar tratamentos mais qualitativos e menos agressivos para os doentes. Acredito também que o Dr. Hansen sabe, como poucos, fazer florescer a fé nas pessoas, e é por isso que os seus métodos, ainda não conhecidos (se é que é possível conhecer), produzem tantos resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez as pessoas tenham, ao ler essa monografia, a impressão que recomendo os tratamentos espirituais, e principalmente o ministrado pelo Dr. Hansen, para todas as doenças. Não era esse o meu intento. O que quis, foi chamar a atenção das pessoas para outras formas de tratamentos que não o convencional, e que também produzem resultados tão bons, ou melhor do que este. Sei que não é fácil entregar-se a um tratamento do qual pouco conhecemos a respeito, quando estamos acometidos de alguma doença. Somos o tempo todo bombardeados com informações de que tais métodos não são seguros, que podem por em risco a nossa vida, e que devemos procurar um médico diante da presença de qualquer anomalia. E de que bom mesmo para uma dor de cabeça é um doril ! Ou de que, para gripe, não há nada melhor do que uma aspirina ou um resprin ! Com a recomendação de que, não desaparecendo os sintomas, devemos procurar imediatamente um médico, e não tentar se auto medicar. Não é essa a orientação que recebemos nos comerciais ? Aqueles chás caseiros ou aqueles emplastos que colocamos sobre nossos machucados, aprendidos com os nosso avós, são pura superstição, não possuindo eficácia comprovada, segundo a medicina convencional. Somos condicionados o tempo todo a procurar um médico, e é o que fazemos, se não para nós, com certeza para nossos filhos. A sociedade nos cobra a levar nossos filhos ao médico diante de qualquer pequeno problema. “Não sei não ! Acho que você devia levar esse menino a um médico, ele vive resfriado!” Esta é uma frase que cansamos de ouvir. Se não é um resfriado é um outro motivo qualquer, tudo serve de pretexto para ir ao médico, o menino caiu, o menino não come direito, etc... Assim, o que era um simples resfriado, tendo o organismo a capacidade de curar-se apenas com uma boa alimentação e algum repouso, após uma consulta médica transforma-se em uma virose, utilizando termo médico, e toma-lhe antibiótico , apesar de todos os seus efeitos colaterais para o organismo. Raramente damos tempo ao nosso organismo de curar-se sozinho. Existe um ditado popular que diz que: um resfriado dura três dias quando não tomamos remédios, e quatro quando tomamos ! Não sei quanto a validade do ditado, mas sei que a maioria dos refriados são curados sem a intervenção de remédios. Disse acima que procuramos o médico o

todo tempo, estou falando das classes de algum poder aquisitivo, aquelas que possuem planos de saúde, ou dinheiro para ir ao médico, pois as classes menos favorecidas reservam a ida a consultórios médicos para casos de emergência. Haja vista toda a precariedade do sistema médico brasileiro (gratuito), das filas, da burocracia, da falta de médicos e leitos, etc.. E ninguém até hoje morreu com um simples resfriado!

Entretanto, nem sempre estamos contentes com nossos médicos. Aquela dor que sentíamos quando da primeira consulta ainda persiste, apesar dos medicamentos, e o nosso médico insiste a atribuí-la ao estresse do dia a dia. Existe uma história de um paciente que procurou diversos médicos para se curar de uma dor estomacal, sendo que nenhum conseguiu diagnosticar a causa da dor, atribuindo-a ao intenso ritmo de vida do paciente. Inconformado continuou a procurar médicos, até que, alguns anos depois, diagnosticaram um problema de úlcera no estômago. “Graças a Deus, doutor ! Já estava começando a pensar que isso era coisa da minha cabeça”, disse o paciente. Estranha a conduta desse paciente que preferiu ter uma úlcera do que acreditar que era o estresse que ocasionava a dor, sem saber ele, que o estresse pode ter originado a úlcera. Mas, é assim que agimos! Quando procuramos um médico não esperamos ouvir dele que temos que modificar nosso ritmo de vida, que devemos fazer mais exercícios, nos alimentar melhor, ter uma qualidade de vida melhor. Não ! Isso já sabemos. E não fazemos ! Queremos que ele seja capaz de encontrar uma razão física para dor e que dê um remédio que nos cure no menor espaço de tempo possível. Estamos acostumados com o efeito analgésico, capaz de aliviar nossas dores em poucos minutos. Queremos que todos os remédios, para todos os problemas de saúde, sejam assim. Que nos curem no menor espaço de tempo possível e, que não exijam sacrifícios de nossa parte, ou mudanças em nossos hábitos de vida. Estamos sempre a espera de um diagnóstico exato, e de um remédio miraculoso. E, para isso, passamos muito mais tempo na sala de espera do consultório, do que propriamente no consultório com o médico. Quando somos atendidos já estamos cansados e sem ânimo para contar nossa história médica, e o médico, sem tempo para ouvi-las. Uma consulta na rede médica hospitalar brasileira pelo INPS não dura mais do que três minutos, e nos consultórios particulares o tempo

de consulta não é tão maior assim. A rotina é, na maioria das vezes, a mesma. Chegamos, dizemos o que estamos sentindo, o médico nos apalpa, escuta o nosso peito, mede a pressão e toma-lhe medicamento. E, com tudo isso, quando o médico não consegue nos curar, desacreditamos dele e procuramos outro. Não estou criticando os médicos, e sim o sistema médico atual. A continuar nesse ritmo, a profissão médica corre o risco de se desumanizar. Os médicos serão substituídos por programas de computador, onde você apresenta os sintomas e o sistema, após análise dos dados, comparando-os com outros casos semelhantes, dentro de uma enorme lista de ocorrências médicas, lhe fornecerá a receita provável para o seu tratamento. Já existem programas assim no mercado.

Tantos anos ouvindo e lendo que as doenças têm uma causa física, que os remédios são suficientes para curar-nos, e quando não, temos sempre o recurso das cirurgias; que nos impedem hoje, de creditar algum mal a problemas emocionais. Embora tenhamos consciência de que eles existam, demoramos a aceitar tal diagnóstico em nós, dada a dificuldade do mesmo e da dificuldade, maior ainda, do tratamento. Estudos feitos por médicos e pesquisadores americanos constataram que 60 a 90 por cento das visitas aos consultórios médicos estão relacionadas a doenças causadas pelo estresse. Uma pesquisa feita pelo Dr. Kurt Kroenke da Uniformed Services of Health Sciences, de Bethesda, Maryland, em 567 pacientes que apresentaram queixas em clínicas médicas, constatou que apenas 16 por cento dos casos apresentavam uma causa orgânica, uns poucos casos referiam-se a acidentes e, a maioria tinha, como causa, problemas emocionais.

O Dr. Hebert Benson, autor de diversas obras de medicina na área corpo e mente, acredita que a maioria das consultas médicas podem ser tratadas através de técnicas de cuidado pessoal, que inclui nutrição e exercícios; e pelo bem estar evocado, um método de relaxamento e mentalização, visando o controle da tensão. Tem comprovado em pesquisas que esse método pode curar muitas doenças, sem o auxílio de medicamentos. Para ativá-lo, a pessoa precisa focalizar silenciosamente uma palavra ou frase por cerca de dez a vinte minutos, duas vezes por dia, suavemente colocando de lado todos os pensamentos rotineiros que distraia e desvie a atenção, acalmando e repousando o corpo. Esta palavra ou frase deve ser alguma

que lhe provoque paz, um sentimento de calma. (Para saber mais, leia *A Resposta de Relaxamento* do Dr. H. Benson, bibliografia ao final). O Dr. H. Benson observou que as palavras e frases escolhidas por seus pacientes tratavam, na sua maioria, de temas religiosos, de acordo com a crença pessoal de cada um, e descobriu que a fé era extramente eficaz para ativar a resposta de relaxamento, e obter os seus benefícios. Os seus estudos têm provocado grande interesse no círculo oficial médico.

Sei que não é fácil dizer às pessoas que esqueçam tudo o que aprederam e escutaram até hoje sobre como curar-se, que abandonem os remédios e restringam as suas visitas aos médicos. (Eu mesmo, no momento que escrevia este capítulo, fui acometido por um forte resfriado e a primeira coisa que me passou pela cabeça foi tomar uma coristina, para aliviar a coriza, e um resprin, para combater o resfriado. Tive que me policiar para não fazê-lo. Resolvi que daria tempo a meu organismo para se curar). Não é isto que pretendo. Não quero ser tão radical como o Dr. Oliver Wendell Holmes, da Harvad Medical School, ao afirmar que: "Se todos os remédios disponíveis fossem jogados no mar, tanto melhor para a humanidade e tanto pior para os peixes!" Mas concordo com a "teoria dos terços", proposta pelo Dr. Philip R., Secretário Assistente da Saúde do governo Clinton. Segundo a sua teoria, um terço da medicina ajuda muito, um terço não faz diferença alguma e, um terço dela, nos causa mal. O Dr. Randolph Nesse, psiquiatra da Universidade de Michigan, Estados Unidos, acredita que a medicina moderna pode prejudicar os processos naturais de recuperação do corpo, ao apressar-se em tratá-los com remédios e tecnologia. Acompanhando este raciocínio, talvez seja mais sensato esperarmos que o nosso organismo se encarregue de promover a cura. Pode ser que para isso tenhamos que estimulá-lo e, nada como a fé, em todas as suas manifestações, para estimular as defesas do nosso organismo. É o que a ciência vêm demonstrando.

Mais uma vez, me sinto compelido a dizer que não sou totalmente contra a medicina oficial e os seus métodos. Já demonstrei no primeiro capítulo o quanto ela foi e é importante para a humanidade, ajudando-nos a debelar as doenças e a termos uma maior expectativa de vida. Os antibióticos, apesar dos seus efeitos colaterais, salvaram muitas vidas (e salvam), e erradicaram muitas doenças. Os analgésicos

são uma “benção” para a nossa rotina diária, quando não podemos esperar que a dor ceda ou quando não a suportamos. As cirurgias e os implantes têm salvado mais vidas do que jamais poderíamos imaginar. No entanto, alguma coisa está errada. Afirmções como as do último parágrafo, feitas por pessoas importantes da área médica, nos causam, no mínimo, um pouco de preocupação e nos levam a pensar se, talvez, não possamos conceber outros métodos de cura, sem qualquer prejuízo à parte “sã” da medicina atual.

Ao escolher a Casa da Fraternidade São Francisco de Assis como tema de minha monografia, quis mostrar que existem outros métodos de cura e que as emoções, como a fé por exemplo, são um poderoso remédio natural de que dispomos. Mas, que também podem nos causar inúmeros males. A tensão com a qual lidamos diariamente, se não for controlada, se não procurarmos maneiras de relaxar o corpo e a mente, sofreremos os efeitos negativos dessas emoções em nosso próprio organismo. Assim como a fé salva, o estresse pode matar! Quis também mostrar que a tradicional medicina ocidental encontra-se em um momento de crise. Carlos Ginzburg, em seu livro *Mitos, Emblemas e Sinais*, chega, até mesmo, a criticar a cientificidade da medicina, devido a sua falta de rigor. Dado que, em cada indivíduo, a doença assume características diferentes ou, às vezes, nem se manifesta, apesar de o indivíduo estar exposto às mesmas condições do infectado, e que, nem sempre, tratamentos iguais para as mesmas doenças, produzem os mesmos resultados, a medicina contraria os padrões de credibilidade científica: mensurabilidade, previsibilidade e reprodutividade. Mas, esse debate teórico não nos interessa por ora. O fato é que a medicina ocidental encontra-se em crise. Ao tentar descobrir os efeitos das emoções no organismo do ser humano, a medicina está sendo obrigada a rever seus conceitos básicos, reconhecendo o ser humano como uma entidade global, onde mente e corpo interagem entre si e com o seu meio, de tal forma que uma desarmonia em um ou em outro, pode causar sérios desconfortos para a pessoa, enquanto que, a harmonia, pode trazer inúmeros benefícios.

Outro ponto levantado por este trabalho, foi a volta da espiritualidade nesse final de século. O Dr. Henry C. Brooks, diretor da Clínica Pastoral de Educação, da Andover Newton Theological School de Massachusetts, nos Estados Unidos,

declarou ao Dr. H. Benson, em seu livro *A medicina Espiritual*, que: “A cura era antigamente parte principal da missão da Igreja, mas abdicamo-nos disso. Começamos a pensar que a cura era um empreendimento secular. Mas agora, depois de mergulharmos no estudo das conexões entre mente e corpo, compreendemos que temos um papel valioso a desempenhar. Tornamo-nos menos envergonhados disso, de que a cura é parte da tradição cristã, não apenas um truque de algum charlatão. Agora a cura pela fé é um foco fundamental para nós e esperamos estar na vanguarda ensinando isto aos outros.” Cultos religiosos de todas as religiões, voltaram a assumir o seu papel diante das enfermidades. Junto com a salvação da alma, agora também prometem a salvação do corpo, através de orações e passes espirituais. Se nosso século foi secular como nenhum outro, talvez agora, com a chegada de um novo milênio, estejamos entrando em uma nova era. A era da espiritualidade.

Na antiguidade Clássica, as pessoas usavam dormir nos templos de Asclépio para curarem-se de seus males. Na era medieval, as pessoas dormiam nas Igrejas procurando a cura. Hoje, se não dormem, pelo menos procuram frequentar os cultos e elevam os seus pensamentos a Deus, na esperança de obter a sua graça. E muitos tem conseguido a cura, através das orações e de sua fé. As curas ocorridas na Casa da Fraternidade São Francisco de Assis são numerosas e impressionantes. O mesmo acontece em outras Casas, Paróquias, Templos, etc... Cabe às intuições responsáveis pela saúde popular, a catalogação e o estudo desses processos de cura. As evidências são muitas para querer resumí-las à coincidências, à remissão espontânea da doença, a um engano do fiel, que pensava estar doente quando não estava, ou a um outro fator qualquer que pretenda desqualificar as curas religiosas. Se são causadas pela fé do indivíduo ou, pelo próprio poder de cura do organismo, ou ainda, pela atuação de um espírito, o certo é que elas ocorrem, e em grandes proporções. Desprezar simplesmente esses fatos não combina com um padrão de cientificidade.

Particularmente, acredito na capacidade do organismo de se recuperar, desde que as condições para isso ocorram: paz de espírito, alimentação adequada, ritmo de vida sustentável e, um pouco de repouso. Como dizia a minha vó, “caldo de galinha e repouso não faz mal a ninguém”. Nesse meu estudo, adquiri a convicção de que a fé

realmente pode curar o paciente. Se ele realmente acredita que possa ser curado, muito provavelmente ele vai ser curado. Não importa se através de Deus, se através de médicos. O importante é que a sua capacidade de acreditar, auxilia o seu processo de cura. Mas, confesso que, falta fé à minha fé. Tanto quanto às orações, quanto à medicina tradicional. Quando estou doente procuro todos os meios possíveis para me curar, vou a médicos, benzedadeiras, centros espíritas, Igrejas, tomo remédios, chás, faço repouso, enfim, procuro me livrar da doença de qualquer modo. E quando sarar não atribuo a cura a um, ou a outro, o fato de ter sarado já me basta. Mas, quero aprender a ter mais fé na capacidade do meu organismo em se curar sozinho, de dar tempo a ele para isso (à propósito, o resfriado foi embora no terceiro dia, sem o auxílio de remédios ou rezas). Disse acima que acredito nessa capacidade, mas daí à adquirir esse hábito vou precisar de um pouco mais de tempo. E quando a doença persistir, vou procurar todos os meios para vencê-la. Quem sabe, me consultar sempre com os três doutores da Escola de Salerno: o Dr. Tranquilidade, o Dr. Dieta e o Dr. Alegria.

A doença nos faz lembrar a inevitabilidade da morte. Vamos todos morrer, mais dia ou menos dia; e a morte nos faz pensar se existe alguma coisa além dela, e, quando pensamos nisso, pensamos em Deus, não importa a convicção religiosa da pessoa. Talvez, aí esteja a ligação da fé com a recuperação das doenças. Ao pensarmos em Deus ativamos nossa fé natural, e a fé, como foi demonstrado, ativa nossos mecanismos de defesa, fazendo com que nos recuperemos mais facilmente das doenças. O endocrinologista e homeopata, Dr. Eduvaldo Dorta, declarou a *Revista IstoÉ*, em Junho de 1999: “O importante é a fé que o paciente desenvolve diante de um determinado problema, e não a religião a que ele pertence. E qualquer religião pode levá-lo a uma atitude mais contemplativa da vida, menos racional. Esta postura trará a convicção da cura e, dessa forma, haverá uma melhora progressiva “. Pensamento parecido com o que tentei expor acima.

Ciência e fé são coisas bem diferentes. A ciência procura baseiar as suas afirmações em experiências e fatos concretos, que respeite os princípios de credibilidade científica. Enquanto que a fé, baseia-se em dogmas, na convicção de que algo existe porque assim foi Determinado, sem conjeturas ou dúvidas. Mas,

apesar de serem distintas, não significam que tenha que trilhar caminhos opostos ou em separado. Se Deus nos deu inúmeros testemunhos de curas milagrosas na Bíblia é porque elas são passíveis de ocorrer. Quem acredita, pode tirar inúmeros proveitos dessa convicção. Se a ciência médica perpetuou-se através dos tempos é porque ela possui valor e, também, a seu modo, promove inúmeras curas. Se medicina e religião, atuando em separado, produzem os mesmos resultados, o que esperar então de uma união de forças dessas duas áreas do conhecimento humano? Acredito que só coisas de bom ! Na esperança dessa união, em um futuro bem próximo, a saúde agradece!

BIBLIOGRAFIA:

LIVROS:

- _ ARMSTRONG, Karen. A História de Deus. Quatro mil anos de questões sobre o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Nova York. Knopf, 1993.
- _ BENSON, Herbert, STARK, Marg. Medicina Espiritual: O poder Essencial da Cura. Tradução por Marly Winckler. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- _ BRÓLIO, Roberto. Doenças da Alma. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997.
- _ CASTRIGLION, Arturo. História da Medicina. São Paulo: Ed. Nacional, 1947.
- _ DANTAS, Flávio. O que é Homeopatia. Ed. Brasiliense, Col. Primeiros Passos, 1984.
- _ DENIS, Leon. O Problema do Ser, do destino e da dor. 16a. edição. FEB, 1991
- _ FERREIRA, Marcus Vinícius. O que é acupuntura. Ed. Brasiliense, Col. Primeiros Passos, 1985.
- _ GARRISON, Fielding. Uma introdução para a História da Medicina. Londres. Comp. Phill, 1917.
- _ GALILEI, Galileu. Ciência e Fé: Cartas de Galileu sobre a questão religiosa. Tradução por Carlos Arthur R. do Nascimento. Nova Stella Editorial, Rio de Janeiro, Mast, 1998.
- _ GINZBURG, Carlos. Mitos Emblemas e Sinais. São Paulo. Comp. das Letras.
- _ KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Tradução por Salvador Gentile. Araras-SP, IDE, 218ª edição, 1997.
- _ LOPES, Octacílio de Carvalho. A medicina no tempo: Notas de história da medicina. São Paulo Melhoramentos, 1970.
- _ LOPREATO, Christina da Silva Roquette. Milagres da Fé: Messianismo e Repressão Política no Brasil dos anos 70. Campinas-SP, Editora da UNICAMP/ Centro de Memória-UNICAMP, 1999.
- _ MOREIRA, Zair de Figueiredo. Luzes na Penumbra: Pequena contribuição doutrinária do mundo espiritual para o futuro. Rio de Janeiro, Gráfica Mundo Espírita, 1945.
- _ OURSLER, Will. O Poder Curativo da Fé. Tradução por Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro, Record: Nova Era, 1997.

- _ SILVA, Joaquim, PENNA, J.B. Damasco. História Geral. Curso Médio. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1972.
- _ TEIXEIRA, Nelson. Dr. Hansen, Agora e Sempre: Relatos Espirituais. Uberlândia-MG, Casa da Fraternidade São Francisco de Assis, 1997.
- _ _____. Em Busca da Paz. Uberlândia-MG, Casa da Fraternidade São Francisco de Assis, 1996.
- _ _____. Eternamente Juntos. Uberlândia-MG, Casa da Fraternidade São Francisco de Assis, 1997.
- _ VIEIRA DE SOUZA, Roberto Lúcio, RODRIGUES, Jaider de Paula, MOREIRA, Osvaldo Hely et al. Porque Adoecemos: Novos Horizontes do Conhecimento Médico Espírita. Belo Horizonte-MG, Fonte Viva, 1996.

PERIÓDICOS:

- _ BARBOSA, Alair Jr. Fenômenos espirituais movimentam Uberlândia. R. Kayapo, Uberlândia-MG., n. 01, p.19-26, Set.1990.
- _ CARUSO, Marina. Médicos de Fé. R. IstoÉ, n. 1554, p.52-54, Jul.1999.
- _ CHICO LÚCIO, Dr. Nelson Teixeira de, corpo e alma. R. Dystak's, Uberlândia, n. 146, p.A02-A08, Mai, 1997.
- _ GODOY, Norton. O Papa da Ciência. R. Veja, n. , p.31-34, 1997.
- _ TOLEDO, Roberto de Pompeu. Crer em Deus, Hoje. R. Veja, n.1489, p.96-100, Abr. 1997.
- _ VITÓRIA, Gisele. Estranhos Poderes. R. IstoÉ, n.1489, p.78-84, Abr.1998.
- _ WEIS, Bruno, CÔRTEZ, Celina, PEREIRA, Cilene. Uma droga chamada esperança. IstoÉ, São Paulo-SP. n. 1496, p.142-151. Jun.1998.